



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST/UEA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
CIÊNCIAS HUMANAS NAS ÁREAS DE CRÍTICA, INTERPRETAÇÃO E
HISTÓRIA DAS FORMAS DA ARTE**

**DO QUADRO DE GIZ PARA A TELA DO CINEMA: A DIALOGICIDADE E
APRENDIZAGENS DE UMA ESCOLA RIBEIRINHA**

**Tefé-AM
2025**

GEORGE DA SILVA INHUMA

**DO QUADRO DE GIZ PARA A TELA DO CINEMA: A DIALOGICIDADE E
APRENDIZAGENS DE UMA ESCOLA RIBEIRINHA**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, como requisito para a Defesa de Dissertação – Nível Mestrado, turma 2023, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo.

**Tefé-AM
2025**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

I35q

Inhuma, George da Silva

DO QUADRO DE GIZ PARA A TELA DO CINEMA : A
DIALOGICIDADE E APRENDIZAGENS DE UMA ESCOLA
RIBEIRINHA / George da Silva Inhuma . Manaus : [s.n], 2025.
96 f.: color.; 21,0 cm.

Dissertação - Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas-
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Orientador: Figueiredo ,Guilherme Gitahy de.

1. Educação. 2. Cinema. 3. Escola. 4. Aprendizagem . 5.
Dialogicidade. I. Figueiredo ,Guilherme Gitahy de (Orient.) II.
Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)168.522(043.3)

GEORGE DA SILVA INHUMA

**DO QUADRO DE GIZ PARA A TELA DO CINEMA: A DIALOGICIDADE E
APRENDIZAGENS DE UMA ESCOLA RIBEIRINHA**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, como requisito para a Defesa de Dissertação – Nível Mestrado, turma 2023, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo.

Dissertação defendida e aprovada no dia 29 de abril de 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **GUILHERME GITAHY DE FIGUEIREDO**
Data: 19/07/2025 15:01:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador-Presidente: Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo
(PPGICH-UEA)

Documento assinado digitalmente
 **YOMARLEY LOPES HOLANDA**
Data: 20/07/2025 10:35:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Interno: Dr. Yomarley Lopes Holanda
(PPGICH-UEA)

Documento assinado digitalmente
 **EDSON TOSTA MATAREZIO FILHO**
Data: 20/07/2025 12:39:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Externo: Dr. Edson Tosta Matarezio Filho
(UEFS)

AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha trajetória de vida aprendi grandes valores, com seres iluminados de bondade e carinho, é para eles o meu agradecimento neste marco em minha vida. Ao meu querido pai, que nos guia lá de cima, Pedro Fátima de Oliveira Inhuma e minha querida mãe, Joana Darc da Silva Inhuma.

Epígrafe

*“Eu sou esse rio, esse sol, essa terra
Sou parte da selva, ela é parte de nós”*

(Ronaldo Barbosa)

Sumário

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I	10
O CINEMA NA FLORESTA: O PROJETO CINEMA É ARTE	10
1.1 Dialogicidade e a arte das telas.....	10
1.2 – Estudantes artistas e seus processos de criação	26
1.3 – Projeto Cinema é Arte.....	38
CAPÍTULO II	54
DIALOGICIDADE: O AUDIVISUAL E OS PROCESSOS CRIATIVOS.....	54
2.1 – Estudantes-navegantes e a produção audiovisual	54
2.2 Dialogicidade e Arte em uma escola na floresta	65
2.3 UMA EDUCAÇÃO SEM LADO “A” E SEM LADO “B”?	76
CAPÍTULO III	88
A COMUNIDADE DA MISSÃO NA TELA DO CINEMA POPULAR	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
Referências.....	92

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Localização de Tefé no mapa do Amazonas/ Localização do Amazonas no mapa do Brasil (em tamanho menor na parte superior esquerda do mapa).....	11
Imagem 2: Localização da Comunidade da Missão no município de Tefé-AM.....	12
Imagem 3: Aula de Artes, atividade de cinema com os estudantes do 7º ano.....	17
Imagem 4: Capa do filme "Os dois compade Parte II" dos estudantes do 7º ano.....	28
Imagem 5: Estudantes fotografando para a capa do filme.....	29
Imagem 6: Aula de artes com os estudantes do 7º ano.....	31
Imagem 7: Confeção de objetos para compor as cenas do filme.....	33
Imagem 8: Reunião do elenco do filme “Os Caçadores de Lendas”.....	34
Imagem 9: Estudantes assistindo os seus filmes através da tela de um celular.....	44
Imagem 10: Cena do filme "Os dois compade".....	45
Imagem 11: Cena do filme "Os dois compade parte II".....	47
Imagem 12: Slogan oficial do projeto Cinema é Arte.....	48
Imagem 13: Bolsistas do PCE apresentando as atividades do projeto.....	49
Imagem 14: Cinema é Arte na Universidade.....	52
Imagem 15: Cinema é Arte na Rádio Rural FM.....	53
Imagem 16: Mapa das comunidades onde residem estudantes.....	55
Imagem 17: Porto de catraias da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças.....	58
Imagem 18: Comunidade Vila Vale no período da cheia.....	70
Imagem 19: Centro urbano de Tefé durante a cheia de 2015.....	71
Imagem 20: Porto da escola da Comunidade da Missão no período da cheia.....	72
Imagem 21: Construção da escada que dá acesso a escola	73
Imagem 22: Professores na construção da escada que dá acesso a escola.....	73
Imagem 23: Margem da Comunidade da Missão no período da seca.....	74
Imagem 24: Escada da escola no período da seca	75
Imagem 25: Mapa da região de Tefé.....	77
Imagem 26: Transporte dos professores em 2012.....	78
Imagem 27: Navegando até a Terra Indígena Betel.....	80
Imagem 28: Terra Indígena Betel.....	81
Imagem 29: Visita as comunidades onde residem os estudantes da escola.....	83
Imagem 30: Mutirão de identidades para os estudantes.....	84
Imagem 31: Feira de Ciências.....	85
Imagem 32: Viajando e dirigindo até a comunidade da Missão.....	86

INTRODUÇÃO

O mundo da arte é cercado de imaginários, de surpresas, de sensações inexplicáveis que se conectam com um sonho possível das pessoas que a vivem. Algo que pode ganhar vida, formas, cores, movimentos e sons. Do quadro de giz para a tela do cinema: a dialogicidade e aprendizagens de uma escola ribeirinha, relata a aplicação de uma metodologia de ensino dialógica guiada pela educomunicação e a produção audiovisual, pois, através da escrita, das imagens e um documentário, que, pelos QR Codes nos interligam até as obras realizadas, será possível compreender nosso objetivo proposto.

Existe uma grande análise sobre os processos de criação a partir de metodologias adaptadas e criadas para apresentar ao leitor a realidade da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, que se localiza no coração da Amazônia brasileira, na comunidade ribeirinha Missão na zona rural do município de Tefé, região pertencente ao Médio Solimões no estado do Amazonas, onde, reuni estudantes de aproximadamente 16 comunidades, que chegam até a escola em catraias (canoas que tem como motor de força as famosas “rabetas”), que trazem consigo, suas identidades culturais e realidades particulares de suas localidades, para uma escola que possui, assim como em qualquer outra escola do estado do Amazonas, uma realidade de dificuldades devido a geografia do lugar e questões estruturais, de logística entre outras, sendo que há mais pontos positivos a serem destacados e exemplificados neste estudo.

Esta pesquisa irá apresentar uma análise do cotidiano dos estudantes e professores de uma escola cercada por floresta, as margens do lago de Tefé, afluente do rio Solimões, que é apenas o maior rio em volume de água e extensão do planeta. Sendo que a única forma de se chegar até a escola é por via fluvial. Isso através de um estudo etnográfico, onde eu, autor da pesquisa, também estou inserido no campo de estudo, pois, atuo desde 2012 nesta escola como professor efetivo.

Foi um grande desafio, e isso menciono de forma clara, pois, vejo neste estudo, uma grande motivação para registrar essa temática, evidenciar e exaltar um coletivo de estudantes e professores que vivem em suas práticas pedagógicas a experiência de utilizar do cinema como uma ferramenta pedagógica, investigando se há junto a essa prática a dialogicidade como base em diversas questões, trazendo aprendizagens mútuas durante o processo de ensino-aprendizagem. Logo, nos reportamos ao educador Paulo Freire (1987) que é uma das bases e inspirações para nossa pesquisa, quando enfatiza que educador e educando trocam de papéis o tempo inteiro, um transparente exemplo de ensino mútuo exposto no decorrer deste trabalho

quando é citado o termo ensino-aprendizagem, muito comentado também durante os encontros pedagógicos da escola.

Nossa pesquisa é realizada em uma comunidade ribeirinha do estado do Amazonas, e, utilizamos como referência, um autor ribeirinho amazônida, para embasarmos o termo “ribeirinho”, o educador, professor ribeirinho e produtor audiovisual Joel Matias da Silva, com sua obra “Uma comunicação a partir dos roçados – Projeto REC”, estudo que se aproxima bastante de nossa pesquisa, tanto na questão geográfica, pois ela é realizada em uma comunidade ribeirinha do município de Tefé, como na metodologia, pois ele utiliza o rádio, o jornal impresso e do cinema nas práticas educacionais, sendo que em nosso estudo se aproxima pela prática do cinema na escola.

Um cotidiano, que, para quem frequenta a escola, passa despercebido em alguns momentos, por isso, destacamos nesta pesquisa os desafios enfrentados no dia a dia de uma escola tipicamente ribeirinha, tendo durante o ano letivo dois períodos bem distintos, um, é durante o primeiro semestre do ano, que é o período das cheias, onde a água do rio e do lago sobe e em algumas comunidades, situadas em áreas de várzea¹ as casas dos estudantes ficam isoladas cercadas por água, sendo que o único local a ter piso são as suas casas. O outro período é durante o segundo semestre do ano, época em que o nível dos rios abaixa, inicia-se então, a temporada da seca, isolando as comunidades por causa da escassez de água, dificultando a navegação e a alimentação, fazendo com que alguns dos estudantes da escola caminhem por horas até chegar à margem do rio para pegar a canoa em direção a escola, além de outras questões como a irregularidade da alimentação e da água potável.

Falaremos mais sobre esse processo de cheia e seca dos rios no decorrer de nosso texto. Desafios particulares de estudantes de comunidades ribeirinhas em Tefé e demais municípios do estado, uma realidade que reflete no rendimento do educando durante as suas aulas, e isso, é observado e tratado de forma importante pelos professores, com esse tato que é possível desenvolver uma educação mais acolhedora para os estudantes que seguem esse ritmo em plena floresta amazônica. Esses pontos, mencionados sobre a realidade geográfica durante o ano, tem suas instabilidades, e todos os anos têm uma realidade diferente, algumas vezes as secas e as cheias não são tão severas.

Ao escolhermos essa temática de pesquisa, a partir das atividades desempenhadas pelos estudantes na área cinematográfica, buscou-se analisar os processos criativos do cinema

¹ Regiões de várzea são locais onde existem planícies de inundação, também conhecidas como várzeas, são terrenos situados à margem de um curso d'água que inundam durante as cheias, muito comum no estado do Amazonas, incluindo a região ribeirinha do município de Tefé.

na escola, com destaque para a dialogicidade dos estudantes protagonistas. As atividades criadas pelos estudantes foram levadas em consideração servindo de base para nossa pesquisa, tendo em vista que, as dinâmicas criadas pelos educandos favorecem uma educação mais democrática, aberta para novas formas de aprender e de ensinar.

Frente a essas dinâmicas, empregadas de forma coletiva, faz-se necessário que, as sociedades que utilizam as mídias e as tecnologias passem de apenas consumidores de conteúdos à categoria de geradores de informações, as escolas estão inseridas nestas sociedades, logo, podemos observar que, uma educação moldada em parâmetros democráticos e aberta a críticas, opiniões e contribuições de diversos lados tende a ser uma educação transformadora social, se distanciando de um ensino colonizador onde os estudantes eram apenas meros espectadores, pois, tiveram vez e capacidade para se expressarem e comunicarem, porém, não eram ouvidos.

Em conjunto com as argumentações realizadas, está também a apresentação de um projeto desenvolvido na escola, e, que será apresentado através das falas dos próprios membros, incluindo professores e estudantes. O projeto que leva o nome “Cinema é Arte”, é desenvolvido desde o ano de 2021, período em que o mundo ainda passava por uma pandemia. Será apresentado possíveis pontos que contribuem para um ensino-aprendizagem no ambiente escolar, através da realização de filmes, videocliques e outras produções, incluindo o audiovisual, tendo como idealizadores os próprios estudantes, em conjunto com os professores, uma atividade em equipe, desenvolvida além das paredes da escola, pois, os estudantes saem a campo e tem como fonte de inspiração a própria natureza com suas histórias, lendas e contos, somando-se com as contribuições feitas pelos professores durante as aulas em sala de aula com base na grade curricular.

Em conjunto com as questões já apresentadas, navegamos rumo ao objetivo deste trabalho, que se constituiu a partir de um pensamento interrogativo, sobre se é possível que os estudantes possam ser suas próprias inspirações e detentores de suas decisões protagonizando sua própria história dentro da escola, se há espaço para que eles possam desenvolver suas próprias metodologias, contribuindo talvez para um ensino mais coletivo. E, essas questões tentarão ser respondidas no decorrer dos capítulos apresentados, tendo sempre como base as próprias vivências e falas dos executores das atividades de cinema na escola, os próprios estudantes.

Este estudo prevê observações no campo a ser pesquisado, a escola, onde estudantes e professores, através de entrevistas abertas puderam colaborar na busca de uma análise sobre

a dialogicidade e suas histórias e experiências no ambiente escolar. Estando em concordância com os objetivos desta pesquisa.

O estudo sobre a temática já citada irá esclarecer dúvidas, presentes no ambiente educacional, referente ao uso das ferramentas tecnológicas como ferramenta pedagógica, a forma que elas são empregadas e se há uma boa aceitação por toda a comunidade escolar e quais as possíveis barreiras enfrentadas no processo de ensino-aprendizagem com a prática desta metodologia. Para tanto, levantamos o seguinte problema de pesquisa: É possível, através da prática do cinema, trilhar aprendizagens e dialogicidade, relacionando teoria e a prática além das paredes da sala de aula?

Diante do objetivo proposto neste estudo, nos utilizaremos, durante todo o texto, de um aprofundamento bibliográfico, pautado em autores que debatem sobre educação e educomunicação, como Cerdeira e Torres (2021), Freire (1987), Freire (1996), Ferraz; Laraia (2009), Geertz (2008), Silva (2024), Malinowski (1976), Kaplún (1985), Krenak (2020), Kaplún (1998), Goffman (2015), Loureiro (1995), entre outros. Foi também necessário recorrer a pesquisa qualitativa, realizando entrevistas semiestruturadas com estudantes e professores que atuam no ensino fundamental e médio. Todos da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, participantes do projeto “Cinema é Arte”, um coletivo de professores e estudantes, desde 2021.

Assim sendo, as hipóteses construídas foram as seguintes: A dialogicidade presente em um ambiente educacional contribui para uma sociedade crítica e auxilia docentes e discentes no processo de ensino e aprendizagem. O cinema na escola, utilizando como ferramenta pedagógica torna os estudantes protagonistas no processo de ensino-aprendizagem e constrói de forma coletiva uma metodologia em conjunto entre educadores e educandos. Deste modo, nossa análise caminha pela compreensão das obras juntamente com as observações e entrevistas feitas ao longo da pesquisa, assim como uma análise de tudo o que foi possível apurar e colher no período da pesquisa, vivenciando momentos e questionamentos vindos dos colaboradores.

O primeiro capítulo desta pesquisa intitulado “O cinema na floresta: O projeto cinema é arte” está dividido em 3 subtítulos, fazendo uma apresentação do estudo através dos teóricos que ajudam a construir com as linhas de pensamentos e aguçar as nossas próprias teorias referentes a dialogicidade e as aprendizagens no âmbito da escola. Enfatiza a importância da liberdade de pensamento e ações por partes dos estudantes na escola, o sentimento que os mesmos podem ter em se sentir livres para criar e pensar entre os diversos assuntos abordados nas aulas, dando suas contribuições diretas dentro dos seus aprendizados em sala de aula,

vivenciando um ensino democrático e acolhedor, sendo protagonistas de suas histórias no campo educacional.

No decorrer da pesquisa é enfatizado de que forma esse processo se estabelece, e tenta responder se existem dificuldades e barreiras no ambiente escolar. Também responderemos a uma questão entre várias abordadas, uma delas é se há possibilidades de chegar a uma fórmula de 100% de certeza para alcançar a um ensino perfeito? com metodologias perfeitas também, isso existe? Interrogações abordadas no decorrer deste estudo.

O Capítulo enfatiza autores que somam no pensamento durante as discursões do texto, e, inspira para uma dinâmica educacional inovadora e atraente para os educandos. Entre os teóricos citados no capítulo tomam local de destaque o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire (1987), que contribui para um pensar mais aberto a respeito da dialogicidade e ao ensino-aprendizagem e o educador, radialista e escritor Mario Kaplún (1998) que nos faz refletir sobre uma comunicação transformadora em oposição à comunicação bancária e estabelece argumentos para que possamos identificar a educomunicação presente nas práticas pedagógicas citadas e vivenciadas ao longo do texto.

O segundo capítulo “Dialogicidade: o audiovisual e os processos criativos” discorrerá acerca das entrevistas abertas, onde as falas dos colaboradores são livres, sem perguntas diretas, eles apenas falam sobre o assunto em questão, e, observações (tendo também como base os materiais midiáticos anexados junto ao texto) realizadas com os professores e estudantes da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças. Um importante ponto a ser colocado referente a dialogicidade presente no ambiente escolar a partir das práticas pedagógicas que utilizam em suas metodologias as atividades envolvendo o cinema incluso com as disciplinas da grade curricular no ensino fundamental e ensino médio regular.

O Capítulo está subdividido em 3 tópicos que são: Estudantes-navegantes e a produção audiovisual, dialogicidade e arte em uma escola na floresta e uma educação sem lado “a” e sem lado “b”? esses tópicos nos guiam a um entendimento sobre a dinâmica vivenciada pelos colaboradores da pesquisa, os professores e estudantes da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças. Desde as suas características particulares de vida ribeirinha, o trajeto que é feito até a escola pelo rio, os seus processos de criação dentro do campo do cinema sendo exercitado em sala de aula até as transcrições de suas visões sobre a nossa temática na qual eles fazem parte como colaboradores e criadores de cultura e de ciência dentro do ambiente escolar.

Ainda neste capítulo, no último tópico, faço uma contextualização histórica de minha vivência na educação ribeirinha, em 14 anos trabalhando as margens do maior rio em volume

de água extensão do mundo, o rio Amazonas, que em nossa região recebe o nome de rio Solimões.

O capítulo 3 se formula através de uma produção audiovisual, e é descrito em forma de som, imagens e movimentos, através de um documentário que pode ser acessado em um QR Code, contido nesta pesquisa. Silva (2024) nos faz refletir sobre o papel existente hoje das produções audiovisuais e suas ligações nas produções científicas, usaremos os avanços tecnológicos a nosso favor a fim de complementar de maneira mais simples possível as nossas análises feitas a partir de nossa temática, sendo que daremos destaques aos nossos colaboradores que serão apresentados visualmente neste documentário.

Será possível conhecer e ouvi-los, os integrantes e apoiadores do projeto Cinema é Arte, expondo suas opiniões referente as suas participações nas atividades do projeto, juntamente com os professores que auxiliam para que tudo aconteça, a partir desta metodologia, que inclui a entrevista aberta, em forma de vídeo, com a produção do documentário, foi possível tecer argumentações e conclusões sobre a dinâmica do dia a dia dos colaboradores e as suas reais expectativas, vivências e frustrações ao longo de suas histórias dentro da escola.

Navegaremos rumo as observações sobre os tipos de aprendizagens existentes na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, de que forma a educação ribeirinha é desenvolvida em sua prática, em seu dia a dia de fato, tendo como base em suas metodologias de ensino a inserção da prática da arte cinematográfica. São vários pontos que serão trabalhados neste espaço tendo como bases e inspirações autores como Paulo Freire e Mario Kaplún e demais autores.

CAPÍTULO I

O CINEMA NA FLORESTA: O PROJETO CINEMA É ARTE

1.1 Dialogicidade e a arte das telas

Neste capítulo temos o intuito de mostrar a arte das telas por vários olhares, que se comunicam entre si, esses olhares são de estudantes e professores, que desenvolvem um lindo trabalho executando o projeto Cinema é Arte, que acontece na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, localizada na comunidade da Missão, região ribeirinha do município de Tefé no Amazonas. A seguir mostramos de forma cartográfica, através da representação de mapas, a localização da região onde foi desenvolvida a pesquisa.

Imagem 1: Localização de Tefé no mapa do Amazonas/ Localização do Amazonas no mapa do Brasil (em tamanho menor na parte superior esquerda do mapa)



Fonte: wikipedia.org (2025)

Imagem 2: Localização da Comunidade da Missão no município de Tefé-AM



Fonte: Google maps - 2025

Através dos mapas acima, temos uma compreensão sobre a localização geográfica da comunidade da Missão em relação ao território de nosso estado e país, com base no mapa é possível dizer que a escola está localizada no centro da Amazônia legal, em uma área verde as margens do lago Tefé, região ribeirinha do estado do Amazonas. Medindo a distância, em linha reta, são 7 quilômetros do centro de Tefé até a comunidade da Missão, porém a viagem até lá não é feita desta forma (em linha reta) pois ao se navegar tem-se que seguir o curso do rio e existem algumas curvar durante o percurso como se pode observar no mapa. Em uma medição respeitando as curvas são 8 quilômetros e 100 metros de distância do centro de Tefé até a comunidade da Missão.

O mundo do cinema é cercado de fantasias, verdades, inspirações, ações, dramas, suspenses e diversos outros sentimentos e emoções que se possa imaginar, é um dos principais motivos que faz com que seus adeptos fiquem cada vez mais fascinados e maravilhados por sua arte. O cotidiano de uma escola pode não ser, em sua rotina, algo prazeroso e atraente aos olhares de quem observa ou de quem convive diariamente, pois, as quatro paredes da escola trazem muitas limitações, a área externa e as fronteiras de uma escola, quando existem, podem excluir o professor e o estudante de conhecer o mundo ao seu redor, as práticas de ensino precisam ser utilizadas de fato para formar um grande círculo de troca de saberes e olhares entre o mundo e a escola. Será comum durante toda a conversação desta pesquisa enfatizar que a arte nunca caminha sozinha e que está presente em todos os lugares, principalmente em um

ambiente educacional, é uma grande ligação com o aprender, com o dialogar, com o criar e com a comunicação.

Existe, dentro da escola, um espaço voltado para a arte, para as expressões artísticas, esse espaço está dentro do coração de cada estudante, que só precisa ter espaço e liberdade para expressá-lo, logo, o cinema se inclui dentro dessa dinâmica de ensino, e estreita a comunicação entre professor e estudante, fazendo com que se rompa algumas barreiras existentes oriundas de um longínquo ensino tradicional.

Nesse caminho, navegamos lado a lado com a obra de 1987 do educador brasileiro Paulo Freire, intitulada *Pedagogia do Oprimido*, que nos traz a reflexão de que a existência humana não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras. Não há espaço e não existe no mundo contemporâneo um estudante calado, sem direito a sua liberdade de expressão, nem de ser um repetidor de ideias impostas a ele e com isso compartilhar falsas palavras sem se ter a certeza do que realmente existe. Está inserido em um ambiente onde exista uma atmosfera democrática em que estudantes e professores possam dialogar a fim de tecer métodos de ensino sem limitar e excluir seus conhecimentos populares é algo que pode ser considerado um divisor de águas dentro de um ambiente escolar, e nesta pesquisa buscamos evidenciar se esse espaço existe de fato.

Tendo por base as ideias de Konder (2008) a coletividade nos leva rumo a um espírito crítico e autocrítico. Assim como examinam constantemente o mundo em que atuam, os integrantes de um grupo que utilizam de práticas coletivas devem estar sempre dispostos a rever as interações em que se baseiam para atuar. Na arte das telas do cinema é possível exercitar o dialogar, o pensar, o refletir e o ousar, despertando e exercitando o seu senso crítico, quando isso acontece em um ambiente escolar, como é o caso da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças², local de nossa pesquisa, faz com que o aprender e o ensinar se

² A Escola Estadual Nossa Senhora das Graças está localizada na comunidade da Missão Boca de Tefé, na zona rural, a 9 km da zona urbana. Surgiu por iniciativa dos missionários da Congregação do Espírito Santo, que ali trabalhava desde 27 de julho de 1897, data da fundação da Missão, grande incentivador foi o Pe. Roberto Van Meegeren que, em 1946, o mesmo foi designado a trabalhar na Missão e desde então tratou de começar com uma escola que atendessem a clientela de 1º ao 5º primário, uma vez que já havia uma escola Técnica Industrial. Assim sendo, foi fundada a escola Estadual Nossa Senhora das Graças, em homenagem a Virgem Maria. Durante muitos anos a escola sobreviveu graças aos esforços dos padres da Congregação do Espírito Santo. Em agosto de 1981, pelo decreto N° 015/81 de 06 de agosto de 1981, foi criada a Escola Municipal Nossa Senhora das Graças, passando a funcionar como escola distrital, com professores nomeados pelo município. Em 1985, a Escola Distrital Municipal passou para escola Estadual, atendendo as reivindicações dos moradores da comunidade encaminhada à SEDUC. (trecho retirado do histórico fornecido pela escola)

unam através da relação entre professor, estudante e comunidade escolar, pois, consequentemente abre espaço para a troca de ideias e de informações que se completam, isso porque dentro da escola o professor não representa a figura do “dono da verdade” não detém de direitos supremos e não é o único que precisa ser ouvido, e deve sim, por quantas vezes for preciso, ser questionado para que a comunicação de fato acontece e gere conhecimentos de todas partes já mencionadas.

A partir do exercício do dialogar durante as aulas, tendo como ferramenta pedagógica a prática do cinema, os alunos podem exercitar suas habilidades e criarem suas próprias metodologias de ensino a partir dos seus próprios olhares. Na arte das telas é possível inserir todas as áreas do conhecimento pertencentes a grade curricular favorecendo a interdisciplinaridade, ponto que tão uni os professores de diversas áreas para uma prática de ensino mais unida e mais democrática, visando assim uma boa relação entre todos que fazem parte da escola, somando para um ensino de qualidade e novas inspirações.

Navegando por meio dessas ideias, podemos mencionar que o diálogo é uma “exigência existencial, e, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro.” (FREIRE, 1987, p. 51). Isso nos lança a pensar que é preciso se distanciar do ensino bancário, também enfatizado por Paulo Freire, onde os “alunos” apenas recebiam as informações, os conhecimentos e os armazenavam em suas mentes como se faz com um grande depósito de lixo, sem que eles tivessem o direito de questionar sobre suas opiniões, sem ter acesso e a perceberem que possuem desde seus nascimentos que tem um senso crítico e que podem argumentar e questionar sobre suas ideias e pensamentos a qualquer momento, sem que sejam impedidos.

Freire (1987) foi um educador que desenvolveu o termo “educação bancária” no livro *Pedagogia do Oprimido*, se referindo a uma educação ultrapassada, sem benefícios e expectativas para o estudante, se tratando de uma espécie de depósitos de informações, semelhante aos depósitos realizados em bancos. Uma metodologia mecânica, sem avanço, apenas repetições sem espaço para críticas, perguntas ou discordâncias. É comum compararmos esse estilo de educação as nossas próprias vivências. O próprio leitor desta pesquisa com certeza irá comparar esse ensino as suas próprias vivências ou irá conhecer alguém que já teve essa experiência no campo educacional. Esse termo vem de décadas passadas, quando ainda não existia as redes sociais e nem os celulares, porém, em nosso

mundo atual, cercado de tecnologias essa prática infelizmente continua, o ensino bancário ainda é praticado, as vezes com uma camuflagem (maquiado) ou explícito.

O autor nos ajuda a refletir e ver, através deste termo, que a educação precisa de atualizações. Paulo Freire criticava esse modelo de ensino, considerando-o autoritário e opressor. Vemos e observamos isso nas práticas pedagógicas da escola na qual nossa pesquisa foi executada, o distanciamento do ensino bancário e seguimos na mesma linha de pensamento de Freire (1987) que defende uma educação libertadora, que valorizasse a participação ativa dos estudantes. “O necessário é que, subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do "bancarismo" (Freire, 1996, p. 14).

A comunicação é uma construção cultural, e, faz parte da natureza do ser humano, em um ambiente educacional ela é uma das bases para haver comunicação de fato e que o processo de transformação do mundo através de suas sociedades possa continuar tendo como uma de suas bases o ensino, com isso, dialogar é necessário e não pode, de forma alguma, ser proibido de ser feito em uma escola, onde quer que ela esteja localizada.

Seguindo com o nosso navegar sobre a dialogicidade e a arte das telas, é possível também nos unir as ideias do educador, radialista e escritor, o argentino Mario Kaplún, que nos apresenta o termo “educador” para designar o ator social atuante na interface entre a Comunicação e Educação, pois, ele nos faz refletir que o ensino básico, logo mencionamos uma escola ribeirinha, que possui características muito particulares, bem diferentes das características de uma escola situada na zona urbana.

Estudantes-navegantes e a produção audiovisual, dialogicidade e arte em uma escola na floresta e uma educação sem lado “a” e sem lado “b”? Esses tópicos nos guiam a um entendimento sobre a dinâmica vivenciada pelos colaboradores da pesquisa, os professores e estudantes da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças. Desde as suas características particulares de vida ribeirinha, o trajeto que é feito até a escola pelo rio, os seus processos de criação dentro do campo do cinema sendo exercitado em sala de aula até as transcrições de suas visões sobre a nossa temática na qual eles fazem parte como colaboradores e criadores de cultura e de ciência dentro do ambiente escolar.

Uma escola situada na zona rural em uma comunidade ribeirinha no estado do Amazonas traz características bem distintas, a primeira é o transporte, que só pode ser feito através dos rios, de forma fluvial, pois, todas as comunidades ribeirinhas ficam as margens

dos rios, lagos e igarapés, não existe estradas. O único meio de transporte é o fluvial, através das canoas se que são movidas por motores ou até mesmo a remos. Os ônibus que fazem o transporte escolar em grande parte do território brasileiro aqui em nossa região não existem. É uma forma amazônica de se locomover, comum para nós amazonenses, e, talvez considerada atípica em outras regiões que não possuem a mesma geografia de nossa região.

Em algumas comunidades ribeirinhas existem o isolamento geográfico, interferindo diretamente na questão da comunicação. Isso acontece na comunidade da Missão, pois, não existe rede de telefone na comunidade. Os comunitários conseguem ter redes de telefone nos locais mais altos da comunidade. A internet também não é propriedade de todos, são poucas as famílias que têm acesso à internet, devido ao alto valor que é ter uma internet nas residências.

Nestas regiões, como é o caso da comunidade da Missão, a comunicação é importante, assim como em qualquer outro lugar do mundo. Os serviços públicos são essenciais para uma sociedade. Dentro do nosso campo de pesquisa observamos que o cinema carrega um papel de comunicação entre outros benefícios que esse repassa. É uma forma de registro das manifestações culturais contidas nas histórias contadas que são eternizadas nas obras produzidas, a escola é mencionada para o mundo, a metodologia pedagógica contida nas produções pode servir de exemplo para outras instituições de ensino. São várias as razões e a importância da comunicação na comunidade da Missão.

Uma escola onde existe uma comunicação com o mundo traz muitos benefícios para os estudantes, isso é fato, isso contribui para que os educandos sejam protagonistas de suas histórias e de suas trajetórias durante toda a vida acadêmica, e, que a escola não seja uma barreira, com fronteiras nem tão pouco com um silêncio invisível destinada aos estudantes, é necessário está em um ambiente de aprendizagem onde o coletivo possa também está presente.

Os homens e as pessoas de hoje recusam-se a continuar a ser destinatários passivos e executores de ordens. Eles sentem a necessidade e exigem o que é certo participar, ser atores, protagonistas, na construção da nova sociedade verdadeiramente democrática. (KAPLÚN, 1998, p. 63, tradução nossa)

O ensino em uma escola não pode seguir os mesmos moldes de um ensino militar, empregado na formação de soldados do exército, por exemplo, pois há um outro objetivo nesta formação, e a pedagogia não é um de seus pilares, e sim a defesa da soberania nacional, onde a dita as regras. Em uma escola não existe o ditador de regras, porém, a hierarquia está presente, pois, o professor faz o direcionamento sobre as atividades escolares existentes no calendário escolar que é ligado ao sistema de ensino.

Mesmo havendo esse nível de hierarquia na escola, ela não deixa de ser um ambiente de troca de conhecimentos. Ao invés de executar ordens a prática do cinema na escola dar espaço para que os estudantes e professores possam executar suas habilidades artísticas somadas a ciência. Uma união que caminha lado a lado em um ambiente educacional.

Na escola é possível criar mecanismos para as diversas instancias da sociedade, uma preparação para a vida, sendo assim, professores e estudantes, estando em perfeita sintonia, podem navegar por vários lugares desconhecidos sem que corram o risco de se perder, pois, essa sintonia traz consigo um aprender e um ensinar coletivo, aparentemente sem barreiras e sem regras mas que em todo o momento o professor ocupa o espaço de moderador para que os estudantes se moldem na função de estudantes e críticos de seus conhecimentos recebidos, tendo como base principal a colaboração mutua, com isso, o crescimento intelectual tende a ser mais expressivo e ocorrer em um curto espaço de tempo, tanto por parte do estudante como também por parte do professor e de todos que fazem parte da comunidade escolar, pois fazem parte de todo o processo, um ensino que não é caracterizado como inovador mas sim como um ensino democrático onde todos tem voz e vez, não esquecendo que sempre vão existir regras, que podem ser moldadas através da troca de experiências e do respeito que deve haver pelos dois lados, entre professor e estudante.

Diante dessas transformações ocorridas ao longo dos tempos nos ambientes escolares até se chegar as vivências do mundo contemporâneo, Silva (2005, p. 63) acrescenta que o ambiente educacional é “o novo espaço de sociabilidade, de organização, de informação e de educação”. Esses espaços acrescentam em suas metodologias de ensino o uso das tecnologias de mídias para introduzir e enriquecer aprendizagem.

Com base nas ideias de Geertz (1989) destacamos que acompanhando ao texto escrito nesta pesquisa, haverá imagens, letras de músicas e QR Codes, que, podem ser lidas e interpretadas como textos, não sendo apenas ilustrações, pois, são fontes de nossa pesquisa. Todas as fontes contidas em uma pesquisa geram interpretações e vai de encontro à procura de um significado, e deve ser visto como uma "ação simbólica [...] - uma ação que significa, como a fonação na fala, o pigmento na pintura, a linha na escrita, ou a ressonância na música" (Geertz, 1989, p. 20).

Imagem 3 – Aula de Artes, atividade de cinema com os estudantes do 7º ano



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2022.

No contexto escolar o recurso do audiovisual tem contribuído para engajamento de professores a despertar interesse de alunos, sendo essas ferramentas apenas suportes pedagógicos, pois, os estudantes realizam práticas a partir dos seus próprios olhares e com isso o ensino caminha rumo a inserção da comunicação na educação. A socialização das ideias acontece quando que tem acesso a um conjunto de mecanismos e de ferramentas disponíveis para os estudantes, dar abertura para que eles esmos possam tomar decisões e opinar nos métodos de suas aprendizagens, isso faz com que a vida social também seja praticada dentro da escola, se distanciando cada vez mais de um ensino bancário.

O registro fotográfico vem de encontro as ideias de Silva (2005) quando enfatiza que o ambiente educacional é “o novo espaço de sociabilidade. Esse registro foi feito na frente da Comunidade da Missão, onde está localizada a Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, as margens do Lago de Tefé. Nesta foto fica exemplificado a importância do trabalho coletivo

entre professores e estudantes, pois, é uma aula ao ar livre, seguindo a grade curricular da disciplina de artes, durante um tempo de aula, acrescentada a outras disciplinas tornando uma atividade interdisciplinar na prática.

Tendo como única diferença a extensão que se deu da sala de aula para um cenário externo, onde teve uma preparação para que isso acontecesse, essa atividade foi preparada durante algumas aulas anteriores, tendo como organização da atividade as opiniões de estudantes e professores, o ambiente ribeirinho é algo rotineiro para os educandos, pois, residem nesta região, é uma realidade totalmente diferente das áreas urbanas e dos grandes centros, possuindo uma infinita beleza natural.

A imagem ilustra bastidores de uma das produções dos estudantes, a gravação do filme “Os dois compade”, um filme escrito e dirigido pelos estudantes do 6º ano em 2021, esta foto é de 2022, pois, devido ao grande sucesso do filme, houve a produção da parte 2, esse registro é dos preparativos, da organização do elenco antes de sair rumo ao meio do rio Solimões, que passa na frente da comunidade limitando-se as águas do lago de Tefé, local onde acontece o encontro das águas, a água escura, de cor preta do lago de Tefé com a água cor de barro, mais clara do rio Solimões.

As canoas, remos e motores rabetas que aparecem na cena são dos pais dos estudantes, professores que residem na comunidade e de comunitários que gentilmente nos emprestaram para as gravações. Esse gesto já gerou uma curiosidade na comunidade, o que os estudantes e professores estão fazendo no meio do rio em pleno horário de aula com nossas canoas? A partir daí começou o comentário na comunidade e a curiosidade tomou conta em saber o resultado final das filmagens.

Um comentário saudável, pois, logo depois da aula, no final da tarde, quando os estudantes retornaram para as suas residências nas comunidades, houve uma comunicação direta e indireta, pois teve perguntas para eles sobre o que eles estavam fazendo (produzindo) e ao mesmo tempo eles fazendo comentário do que estavam fazendo nas aulas ao ar livre em meio ao grandioso rio Solimões.

Em nossos próximos tópicos será mencionado de maneira mais detalhada a história desta obra criada pelos estudantes. Aqui, o que cabe mencionar é o ambiente educacional desta escola, e a metodologia pedagógica da grade curricular sendo empregada, de forma responsável, mas utilizando da criatividade dos professores e estudante para a execução de uma aula “rotineira” prevista no calendário escolar estadual.

Vivemos em uma região rica em sua biodiversidade, bem as margens do maior rio em

volume de água do mundo, e as práticas ao ar livre tornam as assimilações dos conteúdos mais prazerosas, tanto para os estudantes que aprendem e ao mesmo tempo ensinam os professores, pois as suas realidades e os locais onde eles moram são melhor conhecidos por eles do que mesmo pelos professores, que em grande maioria conhecem a região pelo que é mostrada pelos livros ou visto em pesquisas. Uma percepção (observação) feita durante a pesquisa e durante a própria vivência do autor deste trabalho, no caso EU, que me insiro e me distancio do campo da pesquisa em alguns momentos, para que fosse possível, apresentar de fato, os resultados a partir deste estudo.

Mais uma vez é válido ressaltar que a dialogicidade existente no âmbito educacional acontece de forma mútua, onde o coletivo é uma das bases para que isso venha acontecer, a fotografia nos traz muitas interpretações, desde quem fez parte da atividade até para quem ainda vai observar pela primeira vez, pois, em um primeiro momento não dá para definir que na fotografia está retratando o registro de uma aula da disciplina de Artes e de educação física de uma escola da rede pública estadual do estado do Amazonas, mas, ela expressa muitos sentimentos, e ensina através da imagem, uma forma diferente de cultuar a educação em nosso território nacional.

É impossível dar a volta ao mundo sem que haja sons, foi observado que durante a prática do cinema na escola, a música também está inserida junto com o audiovisual, é um caminhar junto com a arte-educação, logo, nos reportamos a educadora brasileira Ana Mae Barbosa em seu livro “História da arte-educação”, ressaltando entre suas escritas que a arte faz toda a diferença no mundo e que não é produzida apenas pela elite, com isso, observamos que a música traz grande contribuição para os estudantes, tanto que a escola possui uma tradição de todos os anos organizar um festival de música com participação dos educandos, e nos filmes produzidos na escola, as trilhas trazem, junto os falas dos atores, mensagens sobre a temática apresentada.

A canções e melodias acompanham o dia a dia dos estudantes, pois, é notado que eles gostam e se identificam com a cultura musical, quer seja nacional ou internacional. O fato é que destaco, entre minhas inspirações, uma linda letra de uma canção na qual me identifico e está inserida de várias formas nesta pesquisa, através da mensagem que ela nos traz. Logo abaixo segue o trecho da letra de uma das músicas mais marcante do cenário musical da MPA (Música Popular Amazonense).



Pássaro Sonhador (Sidney Rezende, José Cardoso)

(...) Viaja caboclo, viaja

Braço forte na remada, como se ouvisse bem alto

O batucar da marujada

A floresta na magia, respondendo com esplendor

Mostra a mais linda toada, caminho da ilha encantada

Na voz de um caboclo sonhador

Viaja caboclo, viaja

Vai chegando ao seu chão

Como um sonho de marujo, reacendendo a emoção

Ele esquece do remo, ele esquece da dor

Balançando a bandeira, na arena seu mundo que revela

Agora ele é um pássaro sonhador... (Caprichoso, 1996)

A clássica música “pássaro sonhador” eternizada na voz de Arlindo Junior em 1996 se conecta a temática de nossa pesquisa em sua letra. Seu início traz a expressão do verbo “viajar” que se entrelaça com a viagem que é feita na escrita de nossa temática “do quadro de giz para a tela do cinema”, um viajar ribeirinho, caboclo, cercado de sonhos e inspirações.

Ela retrata os estudantes ribeirinhos, que residem na floresta amazônica, que também veem a magia em suas criações e podem também utilizar-se da expressão “floresta da magia”, pois, eles a tornam mágica em suas criações, sem determinar limites para as suas criatividade.

O “viaja caboclo” trecho da música, nos remete as viagens diárias que é feita pelos estudantes até a escola, em suas canoas, que precisam do auxílio dos remos e da força humana para que possam atracar no porto todos os dias, “chegando ao seu chão”, local onde desenvolvem seus sentidos críticos em uma escola ribeirinha. É possível observar a conectividade desta canção e relacioná-la também a cultura do bem viver, como ressalta Krenak (2020). Interligações entre pensamentos de poetas, escritores e compositores, a uma temática que se conecta através da ciência e da arte.

Com base nas ideias de Almeida (1998) é possível que se utilize da curiosidade para buscar dados, trocar informações, logo, enriquecer seu diálogo. As novas gerações possuem muitas curiosidades e precisam ser protagonistas de suas trajetórias acadêmicas, a dialogicidade contribui para isso, através dela as práticas escolares contribuem para um ensino de qualidade e mais democrático, mudando muitas metodologias que no passado só serviu para

manipular as sociedades em todo o mundo. O cinema causa curiosidades nos estudantes, pois é algo novo, muitos educandos ainda não conheciam a arte do cinema, isso faz com que o cinema exercitado dentro da escola tenha suas características próprias, com um perfil moldado pelos próprios estudantes com auxílio dos professores a partir do momento que começam a traçar metas dentro do início de suas produções. Os estudantes têm na pessoa dos professores uma segurança, pois, não é possível que eles realizem as atividades sem o apoio dos professores, sendo que existem diversas disciplinas ministradas por professores dentro de suas áreas e essa condução feita pelo professor os ajudam a produzirem e a criar, com essa segurança que é repassada para eles de encontro com um aprendizado mútuo, pois os professores também aprendem nesse processo.

Unindo-se a todas as disciplinas cursadas dentro da escola. Um dos grandes desafios para a prática do cinema, é fazer com que a curiosidade dos estudantes torna-se grandes ferramentas educacionais, pois, a partir dos filmes produzidos se é capaz de exercitar a dialogicidade, que inicia logo quando se pensa em uma temática de filme, pois, nesse momento já inicia-se as discursões onde se tem opiniões das mais diversas origens sobre o tema da história, os locais onde poderão ser filmados, as trilhas sonoras, a escrita dos roteiros, os dias que poderão haver as gravações, as disponibilidades de professores, estudantes e o envolvimento de toda a comunidade escolar.

A prática do cinema na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças é algo maravilhoso, pois, ao se tratar de um olhar pedagógico, observa-se que os estudantes conseguem caminhar sozinhos, a partir de suas convicções e ao mesmo tempo avançam positivamente para as suas próprias formações. Isso nos faz refletir sobre as ideias de Freire (1996, p. 13) quando enfatiza que o “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

Ao apresentar a arte das telas para os estudantes, notou-se que, foi dada uma ferramenta, onde a qual os estudantes tinham a total liberdade de utilizá-la da forma que eles decidissem, ter a oportunidade de conhecer e fazer parte de um movimento artístico é algo que atrai naturalmente o ser humano, as crianças estão em uma fase de conhecer o novo, de serem apresentadas para as novas jornadas da vida, isso é algo que deve ser feito com muita responsabilidade, os docentes, atuantes em uma escola, precisam ter esse cuidado e saber de suas responsabilidades quanto a isso, é algo muito sério apresentar o mundo para as crianças em uma sala de aula, o comunicar, o se expressar e o dialogar de ser feito de maneira mútua, onde não haja o maior e nem o menor e muito menos não exista um ditador de ideias ou o

próprio dono da verdade. Desta forma compreendemos e seguimos na mesma dinâmica do pensamento de Freire (1996) quando desvela que não há docência sem discência.

O que se pode de fato ocorrer em um ambiente escolar é uma complementação de ideias, pois, ao se tratar de um ambiente de aprendizagens, não se pode privar o estudante e até mesmo professor de conhecer o novo, argumentar sobre os diversos tipos de assuntos que englobam o mundo faz parte de uma educação rica em informações e contribuidora do despertar de um senso crítico repleto de novos conhecimentos, isso faz com esses conhecimentos sejam repassados para novos campos e novos olhares possam surgir a partir desse dialogar e comunicar.

Todas essas questões são tratadas logo quando se começa a praticar a arte das telas, na construção de filmes dentro da escola, pois em muitos momentos os estudantes tomam a frente do leme e conduzem a partir de seus olhares e conhecimentos populares a integração das ideias interligadas com as grades curriculares de suas respectivas turmas, levam os seus olhares para questões que algumas vezes não fazem parte de suas realidades, e isso é moldado e reajustado para as suas dinâmicas locais e para as suas rotinas diárias em suas comunidades e vilas onde residem.

Fato que só acontece devido a metodologia empregada em sala, quando os professores dialogam de forma comunicativa com seus estudantes e os fazem se sentirem parte da sua própria formação sendo seus próprios formadores, algo que não muito simples de ser exercitado na prática, mas, que pode ser conduzido quando é entendido pelas duas partes, professores e estudantes.

É um grande complemento de ideias onde a aprendizagem acontece pelos dois lados e faz com que a sociedade ganhe pois irá receber excelentes profissionais docentes e excelentes cidadãos prontos para contribuir com as mais diversas áreas sociais. Silva (2024) nos leva uma análise sobre essa conectividade, pois, a metodologia empregada nas atividades de cinema atrai a comunidade para as práticas escolares e os fazem se sentir colaboradores do ensino e formação dos estudantes.

Para Kaplún (1998, p. 63, tradução nossa) “os setores populares não querem continuar a ser meros ouvintes; eles também querem falar e ser ouvidos.” Consequentemente desconcentrar o poder das mãos de alguns grupos que o detém, para isso, é preciso uma comunicação comunitária e democrática, que deve ser exercitada desde a escola, ponto contextualizado por ele em sua obra “Una pedagogía de la comunicación”.

O ambiente escolar tem um papel primordial para a formação intelectual de uma

criança, é a partir deste despertar e destas práticas que o reflexo irá chegar ao mundo, a sociedade, a concentração do poder por alguns grupos é algo que acontece desde os tempos antigos, onde a grande massa nunca teve vez e nem espaço dentro da sociedade, e a escola, de certa forma, com um ensino bancário, teve sua parcela de culpa para moldar cidadãos com perspectivas de inferioridades dentro de uma sociedade onde o silêncio e o simples fato de receber e cumprir ordens de um grupo dominante seria normal.

Seguindo por um caminho contrário ao ensino bancário, os estudantes da escola, envolvidos e empenhados nas atividades de cinema, seguem um curso que os levam diariamente a tecer linhas de conhecimento compartilhadas, ao exercitarem o trabalho coletivo, pois, as atividades de cinema desenvolvidas na escola sempre acontecem em grupos, onde todos tem o mesmo espaço de voz e de vez.

A própria seleção de temas a serem utilizados nos filmes parte da proposta dos próprios estudantes, que através de uma articulação dos professores criam dinâmicas onde todas as opiniões dos educandos se unam durante as produções dos filmes, com isso, de forma natural surge um incentivo para que os estudantes sigam nas atividades, pois eles se veem dentro das propostas apresentadas, e cultuam e vivem as suas próprias histórias com bases artísticas e científicas, isso porque as atividades desempenhadas sobre o cinema tem todo um aparato pedagógico, que tem como base a disciplina de Artes, na qual abre o caminho para a prática das atividades cinematográficas, pois a grade curricular dessa disciplina vai de encontro com a arte das telas e com isso, as atividades interdisciplinares se tornam mais frequentes.

Segundo Freire (1996, p.14) “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” Com base nas ideias do autor faz-se com que reforce nosso pensamento no sentido de que é preciso educar de maneira democrática, o educador precisa se adaptar a todos os pensamentos e opiniões dos educandos, isso é visto na prática do cinema na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, onde todas as opiniões são válidas e utilizadas nas produções cinematográficas.

O imaginário se une as teorias de sala de aula, é um grande processo de criação coletiva, que acontece em sala de aula e logo se torna uma obra que tem pleno voo para ir além das quatro paredes da escola, rompe as “fronteiras” da escola e do próprio imaginário de quem que tem acesso, momentos que tem possuem dois lados, os lados dos estudantes que fazem do processo de criação, que acompanham o início da seleção de temas, locais de filmagens, figurinos, datas e horários, e que depois veem a obra pronta e quando a assistem

tem uma visão real do seu imaginário, pois deram vida, cor e movimento a suas histórias que tiveram início em um pedaço de papel, eles conseguem realmente ter uma percepção das suas criações quando a obra se encontra pronta. E o outro lado se refere a quem assiste de fora, quem não teve acesso ao processo de criação, alguém que, de forma aleatória, assiste pela primeira vez a produção dos estudantes, essas pessoas têm um outro olhar e conhecem a sensibilidade dos estudantes expressadas na tela do cinema, durante a exibição de seus filmes.

Essas percepções, existentes durante os processos de criações que envolvem todo o campo artístico e de pesquisa dos professores e estudantes na prática do cinema na escola podem ser classificados como um ciclo gnosiológico, termo criado por Paulo Freire em sua obra "Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa", isso porque, professores e estudantes da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, de forma coletiva e mútua ensinam, aprendem e pesquisam, navegando pelos dois momentos do ciclo gnosiológico: "o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente." (FREIRE, 1996, p. 16), algo que consideramos como mágico, pois a arte das telas também utilizada como ferramenta pedagógica se soma a técnicas muito bem-vistas tanto por professores como pelos educandos, é uma grande troca de conhecimentos, que caminham rumo a novos conhecimentos.

Não se pode comparar essas práticas com as práticas tradicionais, mas, podemos observar que diante dessas técnicas, é possível dizer qual pode ser mais produtiva e ser, de fato, a que pode se somar a formação intelectual dos estudantes, pois, ao mesmo tempo que favorece e faz com que o educando desperte seu senso crítico, os professores também seguem por essa mesma linha.

Eles também aprendem e desenvolvem suas habilidades profissionais de ensino e práticas educacionais, tendo como uma de suas opções, as práticas coletivas, isso porque, como já foi enfatizado anteriormente, a prática do cinema em sala de aula leva a construção de um ensino coletivo, a práticas e em grupos, a uma comunicação onde não existem pontos-chaves, onde apenas acontecem trocas de saberes partindo do ponto onde a grade curricular pode ser um norte, mas que na medida em que os grupos vão se formando e gradativamente surgem as ideias das novas produções, se tem um grande campo de novas informações e conhecimentos compartilhados que se unem a grade curricular, e já de forma interdisciplinar os conhecimentos são compartilhados por professores e estudantes em um grande coletivo que se reflete nas suas produções cinematográficas.

Segundo ALMEIDA (1998) é possível que se utilize da curiosidade para buscar dados,

trocar informações, logo, enriquecer seu diálogo. Neste sentido, podemos dizer também que, a dialogicidade existente entre estudantes e professores na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças é aguçada pela abertura e a liberdade que é dada aos estudantes para que eles se sintam a vontade de caminhar sozinhos e compartilhem suas ideias e opiniões em diferentes assuntos sem terem a mínima inibição por parte do corpo docente da escola. É preciso extinguir certas expressões que ainda ouviremos em filmes antigos, por exemplo, quando mostram cenas em escolas e reformatórios do tipo "só fale quando for autorizado", é impossível existir um ambiente de aprendizagens onde haja uma interação mútua entre todos, professores e estudantes.

Podemos também dizer que as novas gerações de estudantes possuem muitas curiosidades e precisam ser protagonistas de suas trajetórias acadêmicas, a dialogicidade contribui para isso, fato constatado em observações ao longo dos anos na carreira do magistério em uma escola ribeirinha, através dela as práticas escolares contribuem para um ensino de qualidade e mais democrático, mudando e acrescentando metodologias que no passado só serviram para manipular as sociedades em todo o mundo. Inserido a este trabalho também estão outras perspectivas de educação, o que nos faz refletir sobre as formas de educação que existem e que precisam ser analisadas frente a um mundo onde o ensino as vezes não é a prioridade.

Quando a educação é bancária, como enfatiza Paulo Freire, não há espaço para o coletivo e nem para uma abertura onde o estudante possa ter voz e vez em sua educação escolar, ele é apenas um simples espectador, com poucos direitos, que tem o dever de ouvir, ler e escrever tudo o que se pede, isso por muitos tempos foi algo normal nas escolas do mundo, o educando não tinha direito e nem espaço para fazer parte de sua formação.

É com essas questões históricas do passado que esta pesquisa se baseia para se chegar a realidade do mundo atual, onde é possível, a partir de metodologias integradores e práticas coletivas como a utilização da dialogicidade, se chegar a um ambiente onde não tenha distinção de níveis intelectuais entre professor e aluno e nem que o estudante não se sinta excluído dentro do seu próprio meio que é o ambiente escolar, as mudanças já acontecem e precisam continuar, mas ainda existem barreiras, e é tendo conhecimento delas e também da história no campo da educação é que poderemos caminhar rumo a resultados satisfatórios em nossa pesquisa.

1.2 – Estudantes artistas e seus processos de criação

A Escola Estadual Nossa Senhora das Graças possui uma linda trajetória de articulações de atividades que envolvem expressões culturais regionais e nacionais, ao longo de sua história, com base em seus registros, é possível dizer que seus estudantes sempre estiveram em meio a cordões folclóricos, teatros, festivais de músicas entre outros campos das artes, fomentados pela própria escola. Isso, com apoio da comunidade local, que também sempre se uniram a essas manifestações.

Neste capítulo, temos a obra “Cultura amazônica: uma poética do imaginário” de João de Jesus Paes Loureiro, como uma de nossas referências para a escrita, por se conectar aos processos criativos dos estudantes durante as suas atividades de cinema no ambiente escolar.

Mergulho na profundidade das coisas por via das aparências, esse é o modo da percepção, do reconhecimento e da criação pela via do imaginário estético-poetizante da cultura amazônica. Modo singular de criação e recriação da vida cultural que se foi desenvolvendo emoldurado por uma espécie de sfumato que se instaura como uma zona indistinta entre o real e o surreal. Como elemento que estabelece uma divisão imprecisa, semelhante à do encontro das águas (de cores diferentes) de certos rios amazônicos, como as do Amazonas com o Negro, ou do Amazonas com o Tapajós e outros. O limite entre as águas amarelas de um e negras, verdes ou azuladas de outro, não está definido por uma linha clara e precisa, mas, por águas misturadas, viscosamente interpretadas, que criam uma tonalidade imprecisa negro-amarelada, como se essa forma de sfumato fosse estabelecendo uma realidade única, na física distinção que caracteriza os dois rios. (Loureiro, 1995, p. 58).

Nas atividades de cinema, os estudantes se encontram em um cenário onde se sentem à vontade de participar e criar, dando prosseguimento as atividades culturais, sendo essa em um campo da arte voltada para a área cinematográfica, com bases nativas, com uma identidade amazônica ribeirinha. Os educandos podem exercitar, através dessas práticas, o seu campo artístico em um mesmo ambiente de aprendizagem, durante as aulas, algo não tão comum em um ambiente de ensino regular de uma escola pública.

Ao mesmo tempo que desenvolvem as atividades previstas na grade curricular também desenvolvem suas habilidades artísticas, tendo total liberdade para criar e voar pelas suas imaginações, isso de forma oral, nas conversas com os professores, familiares e colegas de aula. E de forma escrita, pois em alguns momentos existem espaços para dissertarem sobre as suas ideias dentro do seu campo artístico, como é o caso da escolha do tema de suas futuras

produções, é um longo processo até se chegar a um título de um filme que eles irão produzir, são vários pensamentos, que se validam com intermédio dos professores que auxiliam para que isso aconteça. Um grande coletivo de ideias que se encontram e que depois tomam formas e vidas.

Navegando rumo a entender a dinâmica dos estudantes artistas do cinema na escola, é possível comparar essa dinâmica dos processos de criação com o do brincar de boi de nossa região, (precisa explicar para o leitor o que é o brincar de boi) pois nessa manifestação também existem os processos de criação, segundo Holanda (2010, p. 56) “Muitas pessoas que brincam nos bois chegam aos ensaios sem nenhuma noção do que irão fazer.” Semelhante aos membros do cinema na escola, artistas natos, que estão vivendo o despertar de suas habilidades artísticas, que chegam para gravar e iniciar o processo de formulação de suas obras sem saber de fato o resultado final, porém, entendem e imaginam que irão participar da criação de uma grande obra, repleta de ricas contribuições, partindo do campo de ideias compartilhadas entre os estudantes de forma coletiva.

O boi-bumbá é uma manifestação cultural típica do estado do Amazonas, a cidade de Parintins é a referência com o festival folclórico que acontece todos os anos no final do mês de junho. O brincar de boi envolve contos, lendas, imaginários, danças e diversas outras manifestações artísticas e são apresentadas pelas agremiações. Em Parintins temos dois bois que disputam o título do festival, o boi Garantido de cor vermelha e branca e o boi Caprichoso de cor azul e branca.

Os amazonenses, em sua grande maioria, torcem para os bois-bumbás igualmente os torcedores dos times de futebol, vestem camisas com as cores do seu boi preferido, colocam bandeiras na frente de suas casas, nas motos, nos carros e na época do festival é comum colocarem caixas de som na frente de suas casas com o volume bem alto com as músicas dos bois. O brincar de boi envolve todo o estado, essa prática, mencionada por Holanda (2010) também acontece na cidade de Fonte Boa-AM, onde existem 2 bois, o Corajoso de cor azul e o Tira Prosa de cor vermelha, com grande semelhança dos bois de Parintins, porém, com suas identidades próprias.

O brincar de boi envolve muitas pessoas, de forma coletiva, onde existe um processo de criação e surgem obras magníficas, a comparação feita com a prática do cinema se dá porque a criatividade e a coletividade na escola também acontecem, e os estudantes envolvem toda a escola e a comunidade durante o processo de gravação

dos seus filmes até as exibições. Uma manifestação cultural através da arte das telas.

Imagem 4 - Capa do filme "Os dois compade Parte II" dos estudantes do 7º ano



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2021.

Durante as aulas de artes, os estudantes do 7º ano do ensino fundamental, turma de 2022, deram prosseguimento a obra que realizaram no ano anterior, sendo que essa turma é a pioneira da prática do cinema na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, pois tudo começou com eles. E, devido ao grande sucesso e repercussão que o filme “Os dois compade” teve, no ano seguinte todos da turma se propuseram a fazer a parte dois do curta metragem, dessa vez com uma superprodução, incluindo o cartaz oficial do filme, onde todos os estudantes participaram do filme, atuando ou na parte de produção.

A imagem acima é da arte escolhida pelos próprios estudantes para ser a capa, isso em uma aula de 48 minutos da disciplina de Artes, na imagem tem o retrato sobre a história contada no filme, vista pelos olhos dos estudantes, sendo que a arte do desenho toma forma, cor e vozes na obra cinematográfica.

Em uma interpretação, a partir da observação da imagem, notamos que houve uma total atenção por parte dos estudantes para que houvesse retratado do desenho as cenas icônicas contidas no filme, por exemplo, as nuvens em um céu ensolarado, que acompanhou a grande parte das gravações, a famosa árvore, a castanheira, que se destaca em nossa região pelo seu tamanho.

A casa da benzedeira e o antigo forno de torrar farinha onde acontece uma cena do filme, a mesa da casa do fazendeiro onde foi servido um grande banquete em uma das cenas do curta metragem, o gênio do ouriço da castanha dourada, o pote mágico, a melancia encantada, os ouriços caídos no chão, todos esses elementos dão vida a arte criada pelos estudantes nesta obra que virou a capa do filme.

Imagem 5: Estudantes fotografando para a capa do filme



Fonte: acervo pessoal do pesquisador, 2022

Trazemos o registro desta imagem em especial, pois, nela estão todos os estudantes da turma de 7º ano do ensino fundamental, na parte 2 do filme “Os dois compade” houve a participação de 100% dos estudantes, como já foi mencionado. Isso foi fruto de um trabalho que iniciou no começo do ano letivo, quando os estudantes solicitaram para que o professor desse continuidade com o filme, indo para sua segunda fase.

Em meio a conversas, houve uma aproximação dos estudantes que no ano anterior não tinham participado, e o convite foi feito em todas as aulas. O roteiro foi mais uma vez escrito, dessa vez sofrendo algumas modificações, pois a história iria ser contada de uma outra forma, em sala de aula foi feita roda de conversa, onde cada estudante, de forma espontânea, dava sugestões sobre o filme, como por exemplo os locais das cenas, os figurinos, os personagens e o que iria acontecer com o personagem “seu Raimundo” que desapareceu misteriosamente no primeiro filme.

Surgiram muitas versões para o paradeiro do “seu Raimundo”, momentos que vinham

acompanhados de um bom bate papo em sala de aula, pois, a criatividade e as inspirações sempre falavam mais alto. Entre debates e discursões que se seguiram por dias, pois, as aulas da disciplina de Arte eram apenas uma vez por semana, surgiu a primeira versão do roteiro, sendo que teriam algumas falas guiadas, escritas no roteiro, e com isso seriam necessários alguns ensaios específicos. O que deixou os estudantes eufóricos e entusiasmados para o início das gravações.

Para que todos os estudantes participassem do filme, foi lhes dado a oportunidade de atuarem da forma que se sentissem mais confortáveis, conforme suas habilidades, então alguns optaram em serem assistentes de filmagens, atuar na área da produção entre outras funções. Porém durante as gravações, que duraram em torno de 3 meses, todos os estudantes fizeram participações incorporando algum personagem, por isso é frisado os 100% de adesão da turma dentro deste filme, fato que ocorreu pela primeira vez, mas que foi repetido em outras produções também.

O cinema praticado pelos estudantes é tido como uma atividade pedagógica e artística, que retrata a vida amazônica, entre as histórias escritas pelos estudantes observamos muita fabulação envolvida, logo nos reportamos a uma análise as suas faixas etárias, crianças entrando na pré-adolescência, estão em um período de sonho, e, o projeto os deixa com essa liberdade de se inspirarem da forma que quiserem. A criatividade se conecta através de suas inspirações nos processos de criação dentro do campo cinematográfico. Essa observação foi feita durante as filmagens e durante as entrevistas realizadas com eles.

De acordo com Loureiro (1995, p. 60) “sob o olhar do natural, a região se torna um espaço conceptual único, mítico, vago, irrepitível, (posto que cada parte desse espaço não é igual a outro), próximo e, ao mesmo tempo, distante.” Analisamos com base no autor que olhar voltado para a criação é livre e sem barreiras e o processo pode existir em qualquer lugar.

As criações dos estudantes possuem uma conexão com a proteção ao meio ambiente, pois, levam sempre a uma mensagem de proteção, isso com mínimas influências europeias, se distanciando de um cinema e ensino colonizador. Diante disso, sabemos que existem barreiras que impedem que o cinema popular se inclua na grande mídia, pois, “quando o povo tenta se apoderar desses meios de comunicação, é impedido pelas autoridades” (Silva, 2019, p. 50).

E, a partir do momento em que os estudantes se atualizam dos fatos e conhecem o cenário onde estão incluídos, em uma sociedade onde a escola por um longo período utilizava uma concepção bancária de ensino, podem tirar suas próprias conclusões sobre os dois lados da moeda, referindo-se o que de fato pode contribuir com os seus aprendizados em um ambiente

escolar, pois praticar algo novo na escola nem sempre é bem visto diante dos olhares de quem não o pratica, é preciso ter a competência de utilizar das práticas coletivas para contribuir na formação crítica do aluno, onde ele possa cada vez mais se distanciar de um ensino opressor intitulado por Paulo Freire.

Imagem 6 - Aula de artes com os estudantes do 7º ano



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2022

A imagem é um registro das atividades de cinema na escola sendo desenvolvida no tempo da disciplina de artes, que acontece uma vez por semana com os estudantes do ensino fundamental, com um tempo de 48 minutos. O registro foi feito aos pés de uma das maiores árvores da região, a samumera, como é chamada pelos próprios estudantes, árvore que inspirou os mesmos a escreverem um roteiro de um filme que foi produzido na própria escola.

Dentro do contexto da democratização do ensino e, se tratando de uma escola que está localizada no centro da floresta amazônica, ficando distante a mais de 7 quilômetros da sede urbana da cidade de Tefé, também é possível se alinhar as ideias do livro "Caminhos para a cultura do bem viver" de Ailton Krenak quando cita que “Talvez o dano que a gente tenha cometido contra o Planeta, no século XX, é que a gente estava preparando técnicos e formando muitos técnicos, e a ideia era habilitar o humano para incidir sobre a vida na Terra” (Krenak,

2020, p.21).

Durante as atividades de cinema na escola os estudantes tem a oportunidade de saírem dos limites das 4 paredes da escola, como é mostrado na imagem acima, uma grande sala de aula ao ar livre, em plena floresta amazônica, onde ao mesmo tempo dão prosseguimento a grade curricular da disciplina de arte e demais disciplinas complementares de outros professores que também se juntam a essa prática, como é o caso da disciplina de educação física, que também, neste registro, estava de forma interdisciplinar atuando na atividade desenvolvida de cinema trabalhando as expressões e práticas corporais, práticas que vem da grade curricular de educação física, mas que também se junta a disciplina de artes.

Uma atividade em equipe, que também serve para que o estudante observe que o ensino praticado na escola não caminha sozinho e sim em conjunto, onde o coletivo deve ser cultuado e praticado para que seja levado para a sociedade e assim possamos ter um mundo mais igualitário, e tudo isso pode ter o seu início dentro da escola, onde as práticas do mundo se iniciam e depois se ramificam para os diversos setores das sociedades e culturas do mundo.

É notório, observando as práticas de cinema, que os estudantes, todos de comunidades ribeirinhas, praticam a cultura do bem viver de Ailton Krenak, pois eles demonstram sempre um grande respeito pela natureza e conhecem o valor da preservação, e a praticam diariamente, são aulas coletivas de educação ambiental, área que não está prevista na grade curricular do ensino fundamental e nem do ensino médio das escolas públicas, mas que é praticado e ensinada durante as atividades de cinema na escola, tanto que nas próprias produções é possível observar esse cuidado e ao mesmo tempo, até mesmo de forma indireta as imagens nos levam a fazer grandes reflexões sobre a importância de proteger o nosso meio ambiente, a importância de cultivar a cultura do bem viver e se distanciar cada vez mais de uma cultura do bem estar desfavorece a maioria dos moradores do mundo e enriquece uma grande minoria que destrói e mata a nossa biodiversidade não se importando com o dia de amanhã. É um grande conjunto de aprendizagens contidas na prática do cinema na escola, pois, todos, professores e estudantes ensinam e aprendem uma cultura de preservação do nosso ecossistema, e essa coletividade que leva a grandes ensinamentos traz consigo uma forma prática de praticar a dialogicidade no ambiente escolar.

Desta forma, conforme Laraia (2009) a comunicação é um processo cultural, logo a dialogicidade conecta-se no campo da criação e da aprendizagem. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, como uma conexão dentro do campo artístico, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema

articulado de comunicação oral. Esta forma de expressão, utilizando a oralidade, está presente na prática do cinema popular e no cinema desenvolvido na escola, sendo que, existe uma comunicação aberta, onde não há um direcionamento fixo em relação aos roteiros.

Em sua grande maioria, os atores e atrizes não precisam de experiências para fazer cinema, a encenação vem da vontade de participar. Os estudantes, que estão em um processo de criação, nas atividades de cinema, e, também são artistas populares, pois estão em meio a ciência e a arte em um ambiente escolar. Durante todo o processo de preparação, de ensaios até as gravações, os educandos se sentem em uma grande produção cinematográficas como se fossem atores de filmes famosos, parâmetro que os mesmos compartilham, pois, da mesma forma se faz nas ricas organizações cinematográficas também é feita no cinema da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, tendo como praticamente a única diferença o recurso financeiro.

Imagem 7 - Confecção de objetos para compor as cenas do filme



Filme Os caçadores de lendas



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2023.

A arte presente nas atividades de cinema na escola vem de várias formas, desde as interpretações cênicas dos atores e atrizes, até a organização dos objetos que serão usados para as cenas, trabalho realizado em conjunto por toda a equipe envolvida na produção. Dessa forma o trabalho coletivo vai seguindo rumo a bons resultados no âmbito escolar e social, na imagem acima é possível observar 3 objetos sendo preparados para a cênica, uma garrafa de água mineral, cor azul, organizada junto a uma garrafa de vidro envolvida com laços de cipó e raízes da região.

Essa garrafa em especial foi um dos principais objetos que deram vida a história escrita pelos estudantes do ensino médio, que se uniram ao projeto de cinema na escola realizando sua primeira produção com um filme intitulado “Os caçadores de lendas” e completando a lista de objetos observamos uma tira de sacola de fibra que tinha algumas

palavras escritas, que no filme era uma mensagem do além para quem pegasse na garrafa, claro, que de forma intencional, essas informações estão sendo repassadas com poucos dados, pois, esta pesquisa também é um grande convite para se conhecer o trabalho dos estudantes artistas do cinema da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças.

Imagem 8: Reunião do elenco do filme “Os Caçadores de Lendas”



Fonte: acervo pessoal do pesquisador, 2022.

O Filme “Os caçadores de lendas” foi uma produção liderada e escrita pelos estudantes formandos da 3ª série do ensino médio do turno matutino, que depois de observarem a dinâmica do projeto aceitaram o convite de produzir um curta metragem. Foram trabalhados alguns elementos da Comunidade da Missão para a construção desta obra. O Seminário, uma das construções mais antigas da localidade, pertencente aos Padres Espiritanos foi um dos locais escolhidos.

Tendo como opções para gravações a extensa área verde, uma árvore das maiores árvores da comunidade também foi escolhida para uma das gravações do curta, assim como outros locais que são sempre visitados por turistas. O filme contou com a contribuição do cineasta amazonense Z Leão, que estava em Tefé e gentilmente aceitou o convite de fazer as filmagens dos estudantes.

Os estudantes fizeram algumas reuniões antes de iniciarem as gravações, quando ficaram sabendo que o filme iria ser gravado por um cineasta famoso ficaram muito felizes e foi um incentivo a mais para capricharem em suas produções. Depois de algumas semanas, com o apoio dos professores George e Igorman, articuladores do projeto na escola, aprontaram o roteiro com todas as falas dos personagens. Logo em seguida houve uma reunião com todo o elenco participante, que incluía estudantes de outras séries incluindo estudantes do ensino fundamental, atores que já tinham feito alguns filmes na escola.

Um filme de suspense e comédia, um grande mistério envolvia a trama, e, o jogo da garrafa trazia muitos questionamentos e suspenses em torno de um vilarejo fictício localizado em uma região bem afastada da cidade. Os caçadores de lenda eram um grupo de jovens que foram contratados para desvendar o grande mistério que assombrava a comunidade. E, o restante da história só será possível descobrir assistindo esta superprodução através do QR Code anexado em nossa pesquisa.

Um ponto importante, que foi analisado nesse processo, foi o papel dos professores junto com a turma que elaborou a obra. Existia uma resistência dos estudantes mais velhos para participar do projeto, mas, com as exhibições dos filmes e as conversas informais nos corredores e até mesmo durante as aulas esses estudantes começaram a se identificar com o projeto, partindo deles a ideia da gravação do filme.

Em um ambiente escolar, o professor tem um papel fundamental, as suas atitudes e comportamentos refletem no comportamento e aprendizado dos estudantes. É muito gratificante ver que nesta escola existe a contribuição dos professores para a formação artística e intelectual dos estudantes. Diante desta questão nos reportamos a Freire (1987) quando faz uma comparação do educador-bancário e do educador-educando.

Para o “educador-bancário”, na sua antidualogicidade, a pergunta, obviamente, não é a propósito do conteúdo do diálogo, que para ele não existe, mas a respeito do programa sobre o qual dissertará a seus alunos. E a esta pergunta responderá ele mesmo, organizando seu programa. Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada (Freire, 1987, p. 58).

É um grande conjunto de ideias que são desenvolvidas de forma coletiva e que dar vida as histórias contadas pelos estudantes, um grande envolvimento entre escola, comunidade e família, pois, na medida que os estudantes discutem alguns pontos em relação as suas futuras

produções compartilham também com seus familiares e amigos, e muitas histórias e contos e lendas são transmitidas a eles e os mesmo levam essas informações até a escola para que sejam conhecidas pelos professores e estudantes.

Nos últimos anos, temos visto um crescimento bastante promissor no campo educacional com diferentes formas pedagógicas para ensino e aprendizagem de estudantes e professores, dito de passagem como a “era da tecnologia avançada”, e para isso, corrobora-se com ideia de adotar a comunicação do audiovisual como espaço para campo educacional, uma vez que o audiovisual vem ganhando destaque dentre a inovações na sociedade. E para tal afirmação, Sayd (2011, p. 88) descreve que “as primeiras experiências da chamada educação para a mídia, ou alfabetização para a mídia, tratavam de deixar a televisão do lado de fora da escola e, se possível, bem longe da vida das crianças e adolescentes.” Diante dessa posição, o autor coloca em destaque a situação do início do contato dos estudantes com as novas mídias, as barreiras enfrentadas e a visão da sociedade da época, pois, a metodologia tradicional não abria espaço para uma possível experiência em se ter com a educação de mídia como ferramenta para auxiliar no aprendizado.

E os estudantes, de todas as faixas etárias, em um primeiro momento não tiveram a oportunidade de utilizar essas opções de mídias, sendo que somente há alguns anos depois foi possível ter a televisão como uma ferramenta pedagógica. Sendo que, da TV se ramificou para o celular, e as habilidades artísticas dos estudantes estão cada vez mais sendo evidenciadas no ambiente escolar. É sempre importante frisar que, as atividades de cinema na escola favorecem para desenvolver várias habilidades dos estudantes, a intelectual e a artística trazem muitos benefícios e resultados positivos para a escola e consequentemente para a sociedade, pois, os estudantes estão de passagem dentro da escola, e tudo o que eles desenvolvem, aprendem e a praticam no espaço escolar levam para a sociedade, rompem as fronteiras e injetam na sociedade suas habilidades contribuindo para um mundo melhor, cercado de pessoas com olhares mais abrangentes e democráticos, que acreditam na mudança e podem ser os agentes para tal.

Os estudantes são os grandes artistas desta tecnologia avançada, da tecnologia atual, os protagonistas do mundo globalizado, é preciso, nos dias de hoje, saber a arte de dominar os instrumentos tecnológicos existentes no mundo, e, em grande maioria, os professores de uma escola não são da geração atual, que nasce em um mundo cercado por tecnologia, tendo como auxiliares a internet 5G e os celulares, que são populares e todas as sociedades tem acesso, incluindo as crianças, que são alfabetizadas com um celular que apresenta o mundo

para elas antes mesmo de irem até a escola.

Com o avanço da tecnologia de forma acelerada se formos fazer uma comparação com décadas atrás, os ambientes de ensino estão cada vez mais cercados de meios tecnológicos, as aulas presenciais se tornaram uma opção para alguns cursos, como por exemplo o ensino superior, porém a importância de uma aula presencial tem um valor insuperável, pois, somente a partir dela, é possível haver um debate, as trocas afetivas entre outros pontos que só são possíveis presencialmente.

No mundo da tecnologia e da globalização, é possível observar, que a escola está em um contínuo processo de transformação no campo da tecnologia, tenho por base as minhas experiências, a começar como estudante do ensino básico que, existia a TV Escola, uma emissora de televisão brasileira criada em 1995, mantida pela Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto, transmitida em algumas localidades do Brasil via sinais aberto e fechado.

Em sala com poucos recursos se tinha uma TV de tubo na maioria das vezes de 14 polegadas e um vídeo cassete, que nem sempre estava funcionando, mas, era a tecnologia da época, onde tinha-se o espaço para assistir programas voltados para os professores e também para os estudantes. É um período não tão distante, mas, se olharmos para ele, vamos ver uma enorme distância entre a tecnologia daquela época para as tecnologias dos dias atuais. Já, durante a minha graduação no Centro de Estudos Superiores de Tefé, entre 2007 a 2010, a tecnologia já tinha tomado outros rumos, mas, a popularidade da internet e do celular ainda não tinha as mesmas proporções dos dias de hoje, lembro que, a minha regência durante a aula de estágio, foi feita ainda na sala da TV Escola com auxílio de um TV de tubo, estávamos em um processo de transformações na escola. Atualmente, a tecnologia, para termos uma base o app WhatsApp estava recém-criado, pois, fundado em 2009, mas, era apenas um competidor direto do SMS, diferente das atuais possibilidades, naquela época não era possível trocar fotos, áudios, arquivos, muito menos fazer chamadas.”

Para Jose Moran (1995) o audiovisual produz em sua realização uma importante análise sobre questão da força que se tem para compreensão do mundo. Os estudantes, com a prática nas produções cinematográficas tem uma grande abertura sobre as diversas questões de mundo, eles saem de forma direta dos limites da sala de aula e tem a oportunidade de praticar um ensino pedagógico coletivo, onde abraçam a arte e a ciência em suas atividades desenvolvidas. A força dessa linguagem está em que conseguimos dizer muito mais do que captamos, chegar simultaneamente por muito mais caminhos do que conscientemente

percebemos e encontra dentro de nós uma repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais nos identificamos ou que se relacionam conosco de alguma forma.

1.3 – Projeto Cinema é Arte

O projeto desenvolvido na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, intitulado “Cinema é Arte”, inspiração para essa pesquisa, teve início no ano de 2021, período em que nossa região e o mundo sofria com a pandemia da covid-19, um cenário de guerra em que professores e estudantes conviviam com a dor da perda de seus entes queridos, momentos difíceis, que não existia um preparo psicológico e nem pedagógico para este cenário, pois, era algo inédito infelizmente.

O ambiente escolar precisou ser inovado na questão das relações interpessoais para que todos se sentissem acolhidos pela escola, e que pudessem estar praticando um ensino sempre prazeroso. Eu, particularmente, além de ter ficado em estado grave devido a essa doença e ter perdido o meu querido pai no mesmo período também para o vírus. Retornei as minhas atividades escolares somente depois de aproximadamente 7 meses, depois do retorno das aulas pós suspensão das atividades devido a pandemia.

Nossa pesquisa também se pautará no relato das memórias dos colaboradores de nosso trabalho, “no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida” (HALBWACHS, 1990, p.45), a perspectiva da regionalidade e dos jogos de poder acerca de região se farão presentes em nossa pesquisa.

Lembro! Lembro! Lembro que teve muitas risadas depois que a gente vê que dá nisso também né, muitas risadas, que eu me lembro também, não sei se me lembro bem mas nesse dia tava chovendo né, tava chovendo bastante, a gente ali, mas pra gente também foi legal porque foi uma forma da gente brincar ali, aprender e brincar também né, a gente viu ali né, a gente ver o nosso nervosismo também por mais que seja uma brincadeira na hora a gente fica nervosa, aí erra, volta novamente, não, não é assim, tem todo um trabalho por trás que não é só chegar lá e fazer só uma brincadeira não, a gente leva a sério, muitas vezes o senhor dizia: “corta! Faz de novo!”, e a gente fazia novamente, mas pra mim também foi muito bom que a gente vê que as vezes a gente assiste novela, assiste o que tá por trás, a gente ver que não é tão fácil, tem todo um trabalho por trás, a gente ver ali, vamos assistir isso aqui, mas só por trás a gente ver que tem todo um trabalho, tem todo um projeto, tem toda uma né, uma forma de arrumar, tem as vestimentas, faz assim [...] pra mim, por mais que fosse brincadeira na hora eu fiquei nervosa, mas já os alunos a gente ver não, eles tem espontaneidade pra

fazer isso né, eles levam isso na brincadeira [...] já a gente adulto não, a gente costuma levar as coisas muito a sério, tudo ali certinho, tem que fazer direitinho, mas eu também gostei muito de participar, dessa oportunidade que o senhor me deu de participar, até então eu nunca tinha participado, atuado dessa forma [...] gostei muito de participar, se tiver um longa-metragem é só me convidar que eu quero participar (Professora Tereza Quintiliano, Entrevista, 2024).

Colaboradora em nossa pesquisa, a professora Tereza Quintiliano, residente na sede do município de Tefé, que se deslocava todos os dias para a escola via fluvial, é uma grande incentivadora do projeto Cinema é Arte, em 2022. Atualmente ela não faz mais parte do quadro de professores da escola, pois seu contrato foi finalizado. Durante o processo de elaboração do roteiro do filme “Os dois compade II”, foi convidada para atuar como atriz em uma das cenas do filme, e, com bastante entusiasmo aceitou e logo recebeu as informações de como seria o seu papel no filme, notamos, que por parte dos estudantes, houve uma calorosa aceitação de receber os professores para atuar nos filmes, e, estreitou os laços da comunicação entre professor e estudante.

No filme, a professora e atriz Tereza Quintiliano, fez o papel de “professora da Comunidade”, onde vive o fazendeiro que ajuda os “dois compade” a encontrar o seu amigo perdido. Na cena a professora encontra o filho do fazendeiro, próximo a escadaria que vai para o porto da comunidade, cena que foi gravada em um dia de chuva, sendo que quem contracena com ela também foi um professor, o professor Igorman, que é um dos idealizadores do projeto Cinema é Arte na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças.

Uma educomunicação na prática, muitas informações e vivências em conjunto, pois, a interdisciplinaridade é feita, durante os processos de gravações, com os professores presentes, vivendo o surgimento da obra dos estudantes, fazendo parte do mundo imaginário criado por eles, dando vida a um personagem fictício, mas que, para os estudantes e também para os próprios professores, algo que ficará gravado para sempre em suas memórias. Uma aula atípica para um olhar de ontem, um olhar de um ensino tradicional ou para um olhar de uma geração que não viveu a era do avanço da tecnologia. As cenas com os personagens mais as paisagens com base nas histórias escritas pelos estudantes fizeram com que as obras criadas por eles tivessem sempre uma boa aceitação por parte de todos os estudantes da escola e de toda a comunidade escolar, pois os familiares, amigos e comunitários em geral de todas as comunidades tinham e tem a oportunidade de assistir os filmes produzidos pelos estudantes.

Além de minha carga horária na disciplina de Geografia também fui lotado com a disciplina de Artes com 3 turmas do ensino fundamental, e, na minha primeira aula de Artes com a turma do 6º ano, no turno vespertino, com 27 alunos matriculados presentes, ao

observar a grade curricular da disciplina, fiz o convite aos estudantes, perguntei se eles topavam produzir um filme, uma atividade que seria a nota final da disciplina no 4º bimestre, de forma imediata, todos responderam ao mesmo tempo que queriam, foi notória a euforia dos educandos em saber que poderiam fazer parte de uma produção cinematográfica, sendo que alguns nem tinham o conhecimento de como seria, mas, toparam em trilhar uma aventura de cunho artístico e pedagógico através da arte do cinema, tendo por base as suas próprias vivências como perfil da produção. Um desafio enfrentado de forma mútua, pois, eu não sabia o que iria acontecer de fato, as ideias ainda não tinham sido colocadas em prática.

É válido ressaltar que não existia algo definido, não tinha uma regra ou fórmula a ser seguida, e a insegurança esteve presente em alguns momentos, o diálogo fez muita diferença no início desse processo, pois o aprendizado foi muito e logo conseguimos caminhar e enxergar o outro lado da margem. A ideia de fazer cinema na escola despertou o interesse direto dos estudantes, pois eles sem perceber, exercitavam suas habilidades em outras áreas o conhecimento, como foi o caso da língua portuguesa, uma das bases da comunicação nos filmes produzidos, pontos positivos que a execução da atividade trouxe para os estudantes e professores.

A primeira atividade realizada foi a produção de uma redação, depois de uma explanação sobre as ideias de uma futura produção, seriam alguns passos até iniciar as atividades na prática, ou seja, as filmagens, que eram o que os estudantes mais esperavam e perguntavam durante as aulas com expressões do tipo “professor quando vamos gravar?” ou “professor, é hoje que vamos filmar?”, mas, antes dessa prática foi passada uma atividade para cada estudante criar um texto dissertativo onde poderiam escrever uma história, que contasse sobre a lenda ou um conto de nossa região amazônica, sendo que, foi dada total liberdade para que eles também pudessem falar sobre as histórias contadas em suas próprias comunidades, lembrando que a turma tinha alunos de mais de 8 comunidades ribeirinhas diferentes. Os estudantes iniciaram, sem mesmo perceber, um processo de pesquisa, de entrevistas, de coleta de dados para fazerem uma produção de um material que iria mais tarde ser transformado em uma arte cinematográfica.

Passados alguns dias, os estudantes entregaram as suas redações e iniciei o processo de leitura do tema de cada uma no mesmo momento, em sala de aula, fazia a leitura do tema e interação com o autor da redação e com a própria turma, para observar o semblante e a curiosidade de cada estudante ao saber do tema escrito pelos seus colegas, foram muitas histórias contadas, de várias formas, as suas expressões, as suas expectativas, em alguns casos

as histórias eram feitas em conjunto com seus familiares, pois quando levaram a proposta da atividade para a casa, pediram a opinião de seus pais, avós, irmãos mais velhos entre outros familiares.

As entrevistas concedidas nos ajudaram a compreender as vivências individuais dos participantes “O testemunho nos leva, de um salto, das condições formais ao conteúdo das ‘coisas do passado’ (praeterita) historiográfica [...] parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental.” (RICOEUR, 1990, p.170).

A participação também é um desafio né, porque a gente sempre propõe desafio para o aluno mas as vezes o professor fica ali né, na retaguarda, então fica ali nos bastidores, quando o desafia é também o professor a participar junto com o aluno, eu penso assim, que o encoraja mais, porque ele sozinho fica um pouco tímido, mas se o professor for atuar junto com ele, se o professor acompanhar ele naquele momento ele fica mais, desenvolve mais a habilidade dele, eu acredito que contagia também né, pra que ele possa participar de outras situações também que venha a desenvolver na escola. É, e o desafio assim é, não se limita só o aluno se limita ao professor também porque as vezes a gente tem, cada um é direcionado pra uma área né e a gente precisa romper essa barreira e criar esse elo para que o aluno possa ter aquilo ali como exemplo, olha o professor era de uma área ali e de repente ele migrou pra li e a gente conseguiu fazer tudo aquilo, então serve de exemplo, e o cara vai quebrando as barreiras abrindo caminho também. Eu tive dois personagens, o primeiro personagem como “gênio do ouriço” que gerou um pouco cômico, mas gerou expectativas também, a curiosidade do público em saber quem que estava por trás daquela pintura toda ou quem era que tava atrás daquele chapéu ali, o chapéu do outro personagem, ficava mais curvado um pouquinho com uma capa então escondia o porte físico aí o pessoal tentava descobrir quem era, “ah é fulano fulano” todo muito saía dando um pitacosinho, e isso aí é até bom né até que alguém vaza alguma informação e acaba descobrindo, mas foi gratificante e ao mesmo tempo foi um desafio porque depois que termina tudo ali que a gente consegue parar um pouquinho e raciocinar, a gente pensa e se coloca no lugar o aluno e ver também as dificuldades que ele tem, as vezes a gente pensa de um jeito e na hora de contracenar e na hora de fazer os curtas ali a gente encontra as nossas dificuldades e as nossas limitações também né. Então é um desafio que a gente consegue vivenciar fazendo ali a peça, contracenando com os alunos ali e também tentar amenizar porque a partir do momento que tu encontra algumas dificuldades e essas dificuldades o aluno também vai ter então a gente tenta amenizar o máximo possível pra que as coisas possam sair conforme tá ali no cronograma conforme foi escrito [...] acredito que a maior dificuldade nesse dia de gravação foi porque eu fui fazer a gravação e depois eu ainda tinha aula ainda, então eu tive que fazer a pintura tudinho, tirar a maquiagem todinha ali e ainda voltar pra sala de aula então foi uma correriazinha ali mas deu tudo certo, bacana (Professor Gelton Neves, Entrevista, 2024).

O professor de física e matemática, Gelton Neves, colocador em nossa pesquisa, teve seu contrato encerrado no fim de 2024, atualmente ainda aguarda o resultado do processo seletivo da rede estadual, e, não faz mais parte do quadro de professores da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças. Atuou por 4 anos seguidos no ensino fundamental e médio, durante

esse período foi um grande incentivador do projeto Cinema é Arte, e, carinhosamente, aceitou o convite para atuar como ator nos filmes. Em sua entrevista podemos observar a sua análise sobre a dinâmica de atuar como professor e se aproximar dos estudantes praticando algo em que eles se sentem atraídos durante o processo de criação, ele narra como “desafio” sua participação nos filmes, pois, em sua percepção, se sentiu igual aos estudantes quando estão atuando.

É observado, com bases nas palavras de nosso colaborador que, mesmo com o pouco tempo que se tinha para executar as atividades de cinema com os estudantes, que eram de 48 minutos, duração de um tempo de aula, o professor se dispôs a se caracterizar com pinturas e figurinos para incorporar o seu personagem, e logo em seguida se descaracterizar em pouquíssimo tempo para retornar e participar de sua próxima aula em sala de aula. Uma dinâmica corrida, com pouquíssimo tempo para intervalo, mas, levando consigo o entusiasmo dos estudantes, que, se transforma em incentivo e inspirações para que os professores participem de atividades extraclasse como é o caso do cinema, as obras, realizadas pelos estudantes e professores tomam forma e se mostram grandes produções eternizadas nas telas pelo mundo a fora.

O professor Gelton atuou em dois filmes dentro do projeto Cinema é Arte, seu primeiro trabalho como ator foi o “Gênio do ouriço” como o mesmo já citou em sua entrevista e o segundo personagem foi o “Velho do rio”, um personagem adaptado para a nossa região inspirado do “Velho do rio” da novela Pantanal exibida em 2022 na Rede Globo de televisão. Foram muitos pontos importantes e positivos mencionados, mas o pouquíssimo tempo destinado a gravação devido a duração do tempo de aula refletindo para a criação do figurino dos personagens são fatos que podem ser citados como parte negativa dentro do desenvolvimento do projeto.

Os estudantes do 6º foram a primeira turma a ser trabalhado as atividades relacionadas ao cinema, o período já era o último dos 4 bimestres referentes ao ano letivo, e o período de provas já estava próximo, e além da disciplina de Artes os estudantes também tinham suas responsabilidades em outras disciplinas, e diante disto, houve uma atenção por parte do professor em dar o tempo necessário para que os educandos tivessem a oportunidade de terminar as suas histórias.

Na aula seguinte, apresentei aos estudantes a redação que iria servir de base para o nosso filme, foi a redação de Manuela Bastos da Silva, residente da Comunidade de Vila Bastos, uma comunidade ribeirinha vizinha a comunidade da Missão onde se localiza a escola,

com acesso por trilha de aproximadamente 50 minutos de caminhada ou por via fluvial por canoa, que são o transporte escolar disponível para os estudantes.

A história escrita por ela teve o auxílio de sua mãe e contava um conto muito popular em sua comunidade e na sua família, que enfatizava o respeito do ser humano pela floresta, e saber respeitar tudo o que a natureza oferece, e que com base nos contos contados é proibido sair para a floresta e desejar algo que ela não pode oferecer, os contos ressaltam que além de proibido e perigoso fazer isso, tanto que os moradores mais antigos não faziam tal questionamento e passavam para as outras gerações de filhos e netos que não podiam de desejar algo que não tinha no centro³. Em decisão coletiva com os estudantes ficou acertado que a história da Manuela seria transformada em filme e as demais histórias serviriam também de base para a futura obra e poderiam ser utilizadas em uma produção futura.

Assim se iniciava as primeiras atividades do projeto Cinema é Arte, sendo que, neste período, ainda não tinha esse nome, apesar da expressão já ser mencionada pelos estantes e professor, era a inserção do audiovisual como ferramenta pedagógica no ensino fundamental. Para Jose Moran (1995), o audiovisual produz em sua realização uma importante análise a questão da força que se tem para compreensão do mundo. Chegamos a uma análise que força da linguagem audiovisual consegue dizer muito mais do que captamos, chegar simultaneamente por muitos mais caminhos do que conscientemente percebemos e encontra dentro de nós uma repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais nos identificamos ou que se relacionam conosco de alguma forma.

Um fato que vale destaque é que na comunidade onde se localiza a escola há poucos lugares onde consegue obter sinal de celular, em grande parte, os moradores não tem acesso a ligações telefônica via rede móvel, a área ainda é remota, porém, existe sinal de internet através de antena, mas, são poucas as pessoas que tem acesso ao serviço de internet, por parte dos estudantes a grande maioria não possui celular, e a comunicação entre eles ainda é realizada através das conversações, fato que não é tão comum hoje em dia, em que as pessoas costumam se comunicar por muitas vezes por mensagens via aplicativos de celular. O celular foi visto pelos estudantes como ferramenta de exibição dos filmes, e como os celulares não conectavam a internet, uma das suas serventias era assistir os filmes que eles mesmos produziam.

³ Expressão típica da população ribeirinha, muito ouvida na região rural da cidade de Tefé, falada em grande parte pelos mais velhos da comunidade se referindo em ir para o interior da floresta, para o local onde ficam suas plantações ou casa de farinha, esses locais são mencionados popularmente como “centro”.

Imagem 9 – Estudantes assistindo os seus filmes através da tela de um celular



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2021.

O registro feito, sem que os estudantes percebessem, retrata uma linda cena composta por crianças assistindo as suas próprias produções, o que impressiona na imagem é a concentração de todos eles, sem se importar com a tela bem pequena do celular, assistem as suas produções, sendo que o vídeo se repetia por algumas vezes. Uma arte antiga sendo ao mesmo tempo nova para eles, que pela primeira vez estavam tendo contato, como atores, fazedores de cinema, e iniciando suas carreiras artísticas dentro do ambiente escolar. O celular sendo utilizado por crianças para assistir filmes e não para acessar a redes sociais, algo comum em crianças nesta faixa etária.

É o poder que o cinema exerce na escola em relação as histórias criadas e narradas pelos estudantes, é a saída das informações passadas no “quadro de giz” ou em uma simples folha de papel teletransportadas para a tela do cinema. Desta forma, observa-se, que os estudantes possuem autonomia em seus aprendizados no ambiente escolar, e isso acontece na

medida em que eles se sentem confortáveis e livres para expor os seus pensamentos

Imagem 10 - Cena do filme "Os dois compade"



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2021.

Filme Os dois compade



A imagem acima retrata uma das cenas do filme “Os dois compade”, o primeiro filme produzido pelos estudantes na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças no ano de 2021. Foi a partir desta produção que se deu prosseguimento as atividades de cinema na escola. O filme carrega algumas características bem marcantes, a história acontece as margens do rio Solimões, em uma comunidade afastada da área urbana, os “dois compade” que na realidade são 3 amigos, pois, quando os personagens foram divididos ficou no impasse de 3 estudantes quererem os personagens e foi feita uma adaptação, mas, manteve-se o título do filme.

No filme os 3 amigos vão até o centro em busca de 1 milhão de ouriços de castanha para venderem na cidade e ter bastante dinheiro, mas, ao chegar no centro, depois de 1 mês, o “seu Raimundo” um dos 3 amigos, tem um desejo proibido, de comer uma melancia, fruta que não tinha na floresta, logo se tornava proibida pois não se podia desejar nada que a floresta não oferecesse, mesmo sendo alertado pelos seus amigos “seu Raimundo” visualiza uma melancia

mágica e a leva para dentro da “casa vela abandona”, local onde pernoitavam.

A partir daí a história começa a tomar outros rumos, pois, “seu Raimundo” desaparece misteriosamente e seus amigos desconfiam que ele foi encantado dentro de um pote de barro misterioso que se encontrava na “casa velha abandonada”. O filme, que foi gravado na região da Comunidade da Missão, filmado a partir de um celular e editada no próprio celular por meio de um aplicativo de edições de vídeo, traz alguns personagens icônicos, entre eles o “fazendeiro viciado em celular”, porém, nota-se que, os celulares que o fazendeiro usa são celulares muito antigos, e ele passa todo o filme tentando fazer uma ligação, mas ainda não foi possível. O filme teve cenas gravadas na luz do dia e cenas gravadas a noite, as paisagens naturais da comunidade foram bastante exploradas.

O que também se pode destacar na produção desse primeiro filme foi que, os estudantes puderam fazer suas próprias análises de suas interpretações, interagirem com seus amigos sobre as cenas, a história e sugerir ideias para uma próxima produção. Isso nos remete a uma metodologia voltada para uma comunicação na educação, o que nos leva a citar mais uma vez Mario Kaplún em sua obra *Una Pedagogia De La Comunicacion*, as vezes não fica muito claro explicar a comunicação dentro de um ambiente educacional, o termo deve ser praticado em um ambiente democrático, e deve estar distante de metodologia tradicionais ultrapassadas, no campo artístico, praticado na escola, há espaço e pode-se praticar essa comunicação.

Com essas práticas é possível se distanciar da concepção de comunicação remetente/mensagem/destinatário conceituada por Kaplún (1998, p. 19) quando relata que ela “está tão incorporado à sociedade que aparece como tão comum e natural, que talvez, sem que percebamos, continue ainda nos influenciando fortemente.” Não há espaço para que educadores tenham o papel clássico de emissores, de possuidores da verdade que ditam essa verdade para aqueles que “não sabem”, onde se tenha uma comunicação autoritária.

O projeto Cinema é Arte utiliza a comunicação de maneira inversa em relação ao autoritarismo, seguindo para um âmbito democrático e atraente tanto aos olhares dos educandos como aos olhares dos educadores dentro de suas práticas pedagógicas assim também como tem o intuito de utilizar o cinema popular como ferramenta pedagógica. No início de 2022 o projeto deu prosseguimento e a turma de 6º ano migrou para o 7º ano, e logo no início do ano letivo foi perguntado se os estudantes queriam continuar com as atividades de cinema, os mesmos foram curtos, diretos em sua maioria em expressar que queriam continuar e já esperam pela próxima produção, isso tudo no primeiro dia de aula.

Neste período os estudantes de outras turmas, incluindo os estudantes do ensino médio

e os estudantes do ensino fundamental 1 (estudantes de 1ª a 5ª série) já sabiam sobre as atividades desenvolvidas de cinema na antiga turma de 6º ano de 2021, e, o comentário era frequente entre eles, pois, já tinham assistido a produção de seus colegas. Quando fui para a turma de 6º ano, meu primeiro contato com os estudantes que vinham ainda do ensino infantil e estavam se familiarizando com a dinâmica do ensino fundamental 2, fiz a proposta, perguntei se eles queriam participar das atividades de cinema, alguns comentaram que estavam ansiosos para iniciar as aulas para que pudessem também fazer parte do cinema na escola.

Imagem 11 - Cena do filme "Os dois compade parte II"



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador



Filme Os dois compade II

A imagem acima é um dos trechos do filme “Os dois compade parte II” produzido no ano de 2022 pelos estudantes do 7º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, no registro está o professor de matemática e física Gelton Neves, que também juntamente de outros professores atuaram como atores neste filme, esse trecho do filme é bem significativo pois retrata a arte exercida por professores e estudantes durante a

produção do filme, pois ela é cercada por efeitos especiais criados na edição e pela pintura realizada no professor para que essa cena fosse realizada, fato que com certeza levará ao leitor se reportar para assistir esse grandiosa obra feita pelo grupo de cinema da escola.

A cena é próxima ao tronco de uma samumera, árvore da região, e como já foi citada aqui, é uma das maiores árvores de nossa região e que se destaca dentro da Comunidade da Missão pela sua beleza e está em uma grande área verde em meio a um campo próxima a floresta, ela fez parte de algumas produções realizadas pelos estudantes desde 2021.

A cultura do cinema se assemelha ao do brincar de boi, já mencionada anteriormente, pois são consideradas práticas da cultura popular de nossa região, Holanda (2010) enfatiza que a circularidade de pessoas e experiências diferentes tem proporcionado a difusão durante a festa do boi-bumbá no município de Fonte Boa, bem como agregado a ela novas maneiras de “fazer” com o uso de materiais inovadores, técnicas modernas e troca constante de “saberes artísticos”.

Uma semelhança entre essas duas práticas, são que as técnicas modernas empregadas no cinema da escola se encontram com os saberes artísticos dos atores e atrizes, os estudantes e professores da escola, fazendo uma junção de técnicas culturais e tecnológicas. Sendo assim, eles podem ser classificados como grandes artistas do cinema popular amazonense, por fazer cinema na escola em meio a floresta amazônica, tendo por inspirações as histórias contadas, as lendas e os lindos cenários que o lugar proporciona.

Imagem 12 - Slogan oficial do projeto Cinema é Arte



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2022.

A partir do ano de 2022, as atividades de cinema já não eram somente praticadas por uma única turma, e começou a trajetória rumo as outras produções dos estudantes. E, com o apoio das turmas envolvidas criou-se oficialmente o projeto Cinema é Arte, que tem como um de seus objetivos dar um apoio nas atividades em que envolvem o audiovisual. Com isso, foi possível se chegar as outras turmas e outros turnos da escola, e ter uma boa relação com todos os professores e o apoio da gestora da escola da época, a professora Lucélia Frazão.

Neste ano (2022) submeti um projeto no Programa Ciência na Escola – PCE, (descrever mais sobre esse projeto, o processo, pois foi muito importante) programa financiado pela FAPEAM⁴, o projeto tinha por temática “Audiovisual: Cinema Popular como instrumento para o ensino da Geografia”, ele tinha por objetivo analisar como audiovisual através do cinema popular poderia ser instrumento para o ensino da geografia, visando suas ações no ambiente escolar. E se somou junto com as atividades do Cinema é Arte, tendo um apoio de 3 bolsistas do PCE. Esses bolsistas, além dos professores, ajudavam a articular as atividades desenvolvidas pelos estudantes referentes ao audiovisual. Para os educandos uma oportunidade de iniciação científica, pois foram cadastrados no banco de pesquisadores da FAPEAM (Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas) iniciando suas primeiras publicações no currículo lattes.

Imagem 13: Bolsistas do PCE apresentando as atividades do projeto



Foto: Acervo pessoal do pesquisador, 2022.

O projeto contemplou 3 bolsas para os estudantes, que, em parceria com o projeto

⁴ Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas, financia projetos escolares no Programa Ciência na Escola por um período de 6 meses com bolsas destinadas aos professores coordenadores e a 3 estudantes monitores e articuladores do projeto. A pesquisa foi contemplada no EDITAL N. 004/2022 – PCE.

Cinema é Arte, foram desenvolvidas várias atividades. Na imagem acima temos 2 dos 3 bolsistas divulgando as atividades propostas no cronograma do projeto. O estudante Kauã, do 7º ano do ensino fundamental e a estudante Luany da 3ª série do ensino médio, ambos atores das produções realizadas pelo projeto Cinema é Arte incluindo o terceiro bolsista Flávio, que não aparece nesta foto. Eles foram grandes articuladores dentro das produções neste ano, pois, além de atuarem, apoiavam na parte técnica sendo que eles já conheciam toda a dinâmica das atividades desenvolvidas.

Desde o início do projeto já foram realizadas várias atividades relacionadas ao cinema popular juntamente com o audiovisual inclusos, como por exemplo: realizações de curta metragens com os estudantes do ensino fundamental e do ensino médio, videoclipes com os estudantes do ensino fundamental 1 e 2, atividades em conjunto com a professora da sala do A.E.E.⁵ Que também auxilia os estudantes nas atividades envolvendo as produções cinematográficas.

É possível afirmar, que a partir das atividades relacionadas ao cinema na escola, houve um avanço nas práticas pedagógicas no que se refere a ferramentas midiáticas, como é o caso do uso do celular, por exemplo, um aparelho que até pouco tempo atrás não existia em nossa sociedade e muito menos no ambiente escolar, os estudantes não se comunicavam e nem se socializavam através de mensagens via telefonia móvel e nem por auxílio das redes sociais, um mundo em que os professores e professoras mais experientes tiveram a oportunidade de viver.

Figura 9 – Palestra do Cinema é Arte na Escola Estadual Getúlio Vargas



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2023.

⁵ O AEE (Atendimento Educacional Especializado) é um serviço desenvolvido por um profissional especializado que, em parceria com o educador da turma, verifica as barreiras para a aprendizagem e escolhe ambientes e formas de trabalho adequadas para cada estudante.

Em 2023 os integrantes do projeto Cinema é Arte começaram a participar de atividades fora da região da escola, divulgando e apresentando as obras realizadas, além de compartilhar as metodologias empregadas na execução das atividades. A imagem acima é registro da ida dos professores Igorman Cruz e George Inhuma até a Escola Estadual Getúlio Vargas, situada na zona urbana do município, para explanarem sobre o trabalho realizado do Cinema é Arte, houve também uma sala de cinema, onde foram apresentados alguns dos filmes produzidos pelos estudantes e um minicurso sobre edição de vídeo a partir do celular para os estudantes. A ida dos professores foi feita através de um convite formal da escola e autorizada pela coordenadoria distrital do município, pois, os professores foram no horário das aulas.

No livro “Cinema Popular Amazônico: Artistas da arte cinematográfica de Tefé em uma aula livre na Universidade do Estado do Amazonas”, organizado pelos autores Arthur Figueira e George Inhuma, traz as transcrições das falas dos artistas que participaram da Mesa Redonda dos Cineastas de Tefé, na tarde do dia 17 de agosto de 2023, no auditório do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), da Universidade do Estado do Amazonas, evento que aconteceu durante a VII Semana de História, no AJURI Cultural, idealizado pelos mestrados do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH).

O livro originou-se a partir da ideia dos mestrados Arthur Figueira, George Inhuma e Márcio Augusto, que durante as aulas do mestrado, criaram o coletivo denominado Coletivo Ajuri Cultural, que organiza produções artísticas e científicas dentro e fora da universidade com o intuito de evidenciar a arte e a ciência. A partir das transcrições o livro foi elaborado e produzido de forma independente e está disponível para compra no site [amazon.com.br](https://www.amazon.com.br). Hoje o coletivo conta com 9 livros publicados, 2 músicas lançadas, 2 videocliques, 1 curta metragem e 2 documentários.

Neste evento o projeto Cinema é Arte estava representado, pelo professor Igorman Cruz e o estudante do 7º ano Elton Manuel que fez parte da mesa dos cineastas, foi a primeira vez que o projeto fez parte de um evento na universidade, um momento histórico que merece todo o nosso carinho, reconhecimento e destaque. Devido ao horário do evento outros membros do projeto não puderam participar, mesmo com uma logística preparada para a vinda deles, eles estavam em aula, e, a direção da escola, que recebeu o convite antecipadamente, não os liberou, justificando que eles não podiam “perder aula” para participar do evento.

Para nossa compreensão, análise e observação sobre a criticidade e expressividade de um estudante artista cultuador da arte na escola, citamos a contribuição de um dos atores do livro, o estudante Elton Manuel, em sua primeira fala durante a mesa redonda com os artistas

do cinema de Tefé.



Live da Mesa redonda

O primeiro contato que eu tive com audiovisual foi em 2022, ano passado, eu tava estudando no 6º ano, aí eu conheci o professor George, que me proporcionou essa oportunidade de tá fazendo filmes, ele chegou em nós e perguntou se nós táriamos dispostos a fazer um trabalho de audiovisual, aí a gente abraçou essa oportunidade, todo mundo quis participar, alguns até que não quiseram, mas, o é que vale é que muitos alunos da minha sala gostaram e participaram do filme, que nós fizemos, foi a “Lenda da samumeira” o professor pediu para que nós criássemos histórias, ou pegasse em algum lugar, enfeitassem, aí todo mundo fez . 29 E ele escolheu uma, que foi a lenda da samumeira, aí nós estávamos meio, meio, nós não estávamos muito acostumados a gravar, esse negócio de tirar foto, mas, nós já estava acostumado a decorar, a falar lá na frente com os trabalhos que nós fazíamos dentro de sala, mas fugiu muito do nosso cotidiano em fazer trabalhos, só de escrever e ler e apresentar lá na frente. É, o meu personagem foi uma pessoa que não acreditava em nenhuma dessas coisas de curupira, sací e coisas que envolvem magia, mas é né, ele descobriu da pior forma, da pior forma possível que essas coisas são realmente verdadeiras, ele foi de alguma forma ali punido por uma dessas entidades, mas, fazer esse projeto pra mim foi muito bom o projeto “Cinema é Arte”, perdi um pouco da minha timidez, eu não tinha muito mas perdi um pouco mais, é, ao contrário de alguns alunos da minha sala que tinham muita timidez e perderam um pouco para apresentar trabalhos lá na frente, eu gostei muito de participar desses filmes e eu quero passar aqui a oportunidade pro meu colega. (MANUEL 2023, p. 29)

Imagem 14 – Cinema é Arte na Universidade





Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador. 2023.

No mês de outubro de 2023, o estudante Elton Manoel, do 7º ano do ensino fundamental, foi até ao Centro de Estudos Superiores de Tefé CEST-UEA, participar do Cineclube PPGICH, mostra de filmes produzidos por grupos de cinema independente, popular ou ribeirinho da zona rural e urbana de Tefé, com debates sobre os filmes. Momento em que é de grande importância para o projeto, pois o estudante representou neste evento a escola ribeirinha da comunidade da missão. E compartilhou sua experiência sobre o cinema na escola e respondeu a várias perguntas feitas pelos presentes, sobre o filme e sobre sua trajetória no projeto e na escola. O estudante foi acompanhado pelo seu pai que estava na plenária acompanhando a sua desenvoltura frente a uma plateia de artistas populares do cinema, professores e estudantes da UEA.

Imagem 15 - Cinema é Arte na Rádio Rural FM



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador. 2024.

Em 2024 o Cinema é Arte continuou a ir além das fronteiras da escola, no mês de junho, a equipe participou do programa Ampliando Vozes na Rádio Rural FM no município de Tefé. Na foto observamos o estudante Elton Manoel respondendo as perguntas sobre o projeto, ao fundo o professor Igorman e o professor George (com a câmera).

É válido ressaltar que a ida dos estudantes, integrantes do projeto, até a área urbana de Tefé não é tão simples, pois é preciso uma logística para a vinda dos mesmos, e existe também o custo financeiro, um dos motivos pelo qual, nas atividades fora da escola, ainda ter uma pequena representação, assim sendo, o estudante Elton Manuel representa os integrantes da escola nessas atividades. A ideia, porém, é que nas próximas oportunidades possa haver mais representações dos membros do projeto segundo o que a equipe mencionou durante essa entrevista para as locutoras.

CAPÍTULO II

DIALOGICIDADE: O AUDIVISUAL E OS PROCESSOS CRIATIVOS

2.1 – Estudantes-navegantes e a produção audiovisual

Este capítulo, tem como intuito abordar a educomunicação e dialogicidade na escola a partir das criações artísticas dos estudantes. Para Freire (1996) a dialogicidade é vista como essência da educação como prática da liberdade, levando a uma consciência crítica pelo sujeito aprendiz, isso nos leva a refletir que, os estudantes esclarecidos de seu lugar na escola, utilizando do espaço para uma troca de informações e conhecimentos tendo como base também o que aprendem fora da escola, os levam a ter uma sensibilidade crítica diante dos diversos assuntos da sociedade onde estão inseridos, sendo estudantes participativos e atuantes no ambiente escolar, isso é exercitado durante as suas criações artísticas e científicas.

Durante o período de observação desta pesquisa e fazendo um resgate em meus pensamentos das minhas experiências no ensino na Comunidade da Missão, vejo que, o trajeto desde a saída dos estudantes de suas casas até chegar a escola é uma grande aventura diária, pois os mesmos enfrentam os banzeiros e as correntezas do rio para estudarem, um fato particular deles, a escola está localizada em uma área ribeirinha do município de Tefé, e, o único acesso é por via fluvial, logo, todos que chegam na comunidade para estudar ou para qualquer que seja o objetivo vem através das águas do lago de Tefé, afluente do rio Solimões.

Logo abaixo temos uma imagem de satélite que complementa os fatos narrados referente a realidade geográfica da região onde residem os estudantes de nossa escola, fruto de uma pesquisa que realizamos pelo Programa Ciência na Escola – PCE, fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM no ano de 2015 intitulada “A importância da orientação e localização geográfica: Mapeamento e contagem populacional na área da Escola Nossa Senhora das Graças em Tefé-AM.

Figura (?)

Imagem 16: Mapa das comunidades onde residem estudantes



Fonte: google maps, 2024.

Nota-se que as inspirações dos estudantes para as suas produções também vêm do seu dia a dia, do seu navegar diário rumo a escola, a cor verde da mata e preta e barrenta do rio e do lago refletem nas escritas e na poesia das palavras que se tornam obra através do cinema na escola, é um grande processo, logo tudo tem seu início.

Colocar em destaque a imagem onde mostra a localização das comunidades onde residem os estudantes mostra que a Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, localizada na Comunidade da Missão, é um grande polo educacional, pois, como já mencionado nesta pesquisa, recebe estudantes de diversas comunidades, localizadas as margens do lago de Tefé, afluente do rio Solimões e das margens do rio Solimões.

Uma viagem que dura, do ponto mais distante, aproximadamente três horas e meia no período da seca do rio, que acontece todos os anos, com uma duração de aproximadamente seis meses, sempre no primeiro semestre letivo. “Essas diversas formas de recortar e expressar a realidade, sintetizam, em seu âmbito, o complexo universo da existência humana, onde as mais diversas formas de vida são postas em prática, dentro da reciprocidade dinâmica das relações constitutivas da dimensão social da cultura” (Loureiro, 1995, p. 53).

Buscamos por rememorar as impressões de nossos colaboradores acerca dos processos de criação, o contar a partir do olhar deles fez de nossas análises algo rico de conhecimentos que podem ser interpretados e exemplificados de várias formas, em ambientes da sociedade e em ambientes escolares, também entre segmentos artísticos-culturais.

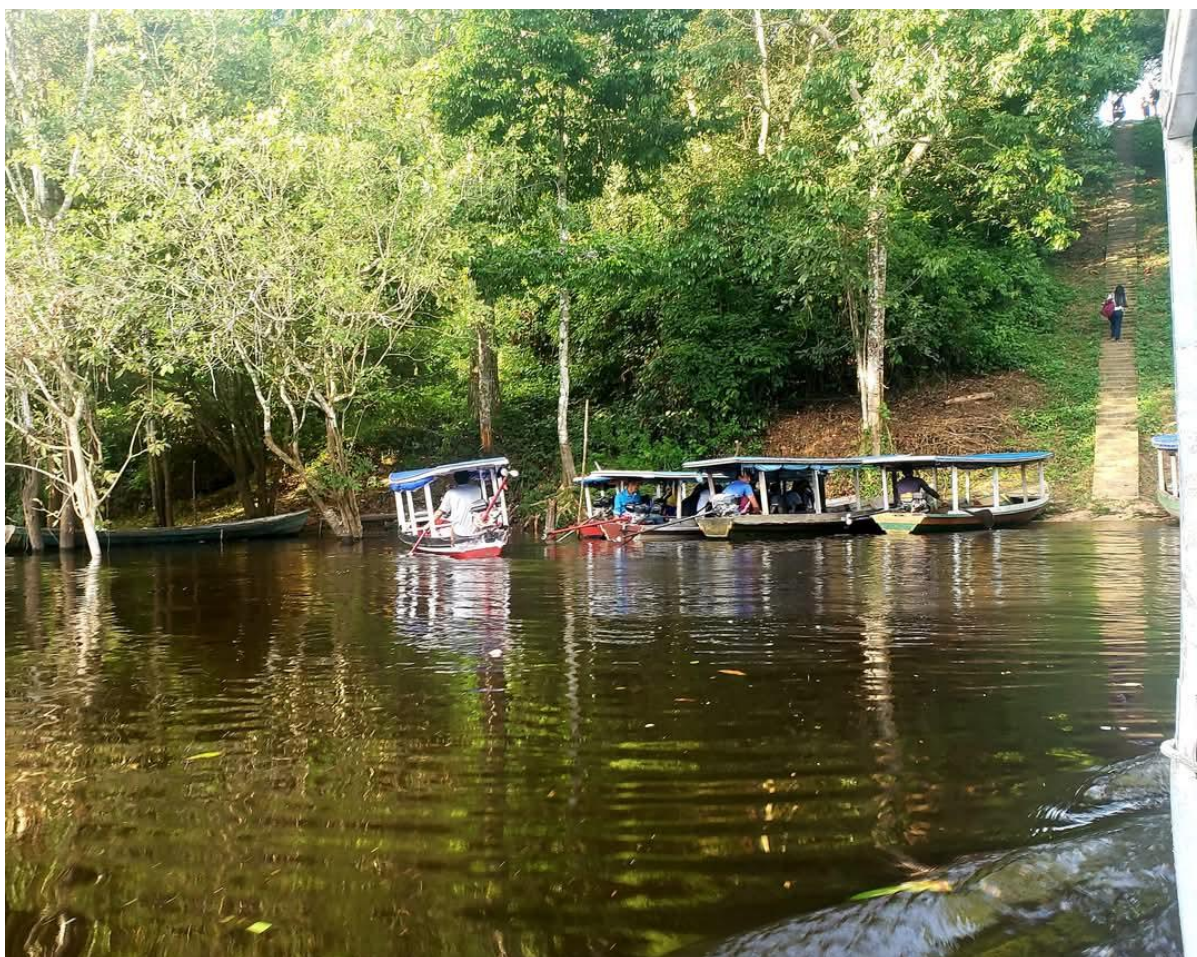
Bem, eu posso falar sobre essa metodologia [...] um antes e um depois, antes, a gente notava que os nossos alunos eles eram meio tímidos, até pra responder, pra conversar com a gente né, pra colocar as suas ideias eles quase não falavam, normalmente não falavam, muitas das vezes a gente se culpava, será que eu tô sendo muito ruim ou não, mas eles eram bem tímidos mesmo, e essa metodologia que foi usada pelo senhor na área de arte né envolvendo não só os alunos mas também nós professores nos deu essa oportunidade também de nos envolver, de nos envolver nessa metodologia, foi muito bom, quando a gente participou do filme a gente se colocou no lugar deles também um pouquinho né, porque muitas vezes a gente fica só em sala de aula só em sala de aula e a gente não vê o que esses alunos têm mais, a nos mostrar né, a nos apresentar sobre eles, a gente fica só naquela ali, na sala de aula sempre na sala de aula, e depois que o senhor entrou com essa metodologia de ensino de artes a gente notou a diferença, diferença como? Alunos mais expressivos, que conversavam mais que dialogavam mais né, que eles passaram ser menos tímidos, até na hora de apresentar, antes eles eram muito tímidos pra apresentar agora não, quando a gente pede pra eles apresentarem um trabalho a gente notou a desenvoltura deles na hora de apresentar, já não eram mais tão tímidos, então foi algo que trouxe um benefício não só pra eles como pra nós também educadores que passamos a entender melhor

que aula, não é só numa sala né, ela pode ir além de uma sala de aula né, e eles gostaram tanto que eles conversam sobre isso, eles sentem falta, eles dizem: “ah, quando é que vai ter outro né, quando é que vai ter outro filme?”, e o mais interessante disso tudo que não é uma coisa criada por nós professores, isso foi criado por eles, o senhor só colocou a ideia né, e passou pra eles essa oportunidade, porque tudo o que tem no filme foi criado por eles né, vivência, dia a dia, vivência de história né, que seus pais lhe contam, que seus avós lhe contam, e ele trouxe, e o senhor aproveitou essa ideia né, pra trabalhar com eles, então isso trouxe muitos benefícios, apesar de ser uma atividade da escola, mas a gente viu a diferença né, neles mesmo. E até eu também que participei né, um pouco, a gente viu como não é tão fácil né, por mais que a gente saiba, não! Isso é só uma brincadeira, mas a gente não ver que tem todo um trabalho por trás, que não é só ir lá e fazer não, tem todo um trabalho, a gente passa a valorizar mais né, esse tipo de dinâmica, essa metodologia que foi tão importante pra eles, e que, eu espero, que continue, porque a gente costuma a dizer que quando a gente ver que uma coisa dá certo pra um aluno, a gente começa a explorar por ali, que a gente ver que essa é a forma da gente entrar com eles, desta forma, então aí o senhor abriu uma porta né, pra gente poder trabalhar melhor isso com eles, porque isso flui também nas outras disciplinas, não pense que é só história, ou arte, geografia, porque a mudança deles fluiu em todas as outras disciplinas, não foi só uma, tanto que esse trabalho que o senhor fez foi interdisciplinar, todos puderam participar, você convidou a todos e todos os professores abraçaram, e a gente viu que deu certo né, que é uma coisa que deu certo. Então é que o senhor possa continuar esse trabalho com eles. E eu tenho certeza que vem aí mais longas metragens por aí, que eles tem inúmeras histórias pra contar, eles são muito criativos né, nessa forma de contar história, e que possamos aproveitar isso né, pra trazer benefícios pra gente também como aprendizado né quando eles melhoram os aprendizados bom pra gente também porque a gente pode usar, usufruir disso pras nossas disciplinas (Professora Tereza Quintiliano, Entrevista, 2024).

A professora Tereza, colaboradora em nossa pesquisa, fez uma análise sobre “um antes e um depois” referindo-se a timidez dos estudantes antes de participarem o projeto Cinema é Arte, ela pode acompanhar todo o processo de ingresso dos estudantes no projeto, desde seus ensaios, gravações e exibições dos filmes e notou as mudanças ocorridas em sala de aula referentes ao desenvolvimento e desempenho dos educandos nas aulas. Durante esse processo e período de criações das obras dos estudantes a professora Tereza foi convidada para atuar e carinhosamente aceitou e pode tecer uma análise de vários ângulos, em que podemos dizer que ela observou os estudantes de fora, quando eles ingressaram no projeto, e, os observou pela parte de dentro, sendo parceira deles atuando e contracenando com eles nas gravações, tendo um contato nos bastidores e sendo colega de profissão dos estudantes na área do cinema.

A geografia da nossa região também serve de cenário para as criações dos estudantes, tendo como base as observações realizadas durante a pesquisa e nas entrevistas realizadas com os educandos e professores ligados ao projeto Cinema é Arte, analisamos durante a pesquisa se há a ideia de uma educação através da comunicação por parte dos estudantes e dos professores, de que forma existe essa conexão de ideias, e as características de suas execuções no ambiente escolar, com questões abertas inseridas nas entrevistas, houve um ótimo olhar por parte do pesquisador ao tema da pesquisa, sendo que, também estou inserido ao tema, pois, faço parte do projeto Cinema é Arte na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças.

Imagem 17: Porto de catraias da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças



Fonte: Acervo do pesquisador – ano 2023

A imagem acima foi um registro feito do porto em frente a Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, aonde os estudantes chegam em catraias (canoas), todos os estudantes, que moram em outras comunidades param nesse porto diariamente, durante a parte da manhã eles

chegam as 7h e retornam para suas casas as 11h20 e pela parte da tarde chegam as 13h e retornam as 17h20. São localidades com distâncias diferentes da região da escola, com um tempo de viagem que varia de 20 min. a 3h, dependendo do período do ano, pois durante o segundo semestre, existe o período da seca, com a diminuição do volume da água do rio Solimões. Temos estudantes da Terra Indígena Porto Praia, que saem as 4h para chegar na escola as 7h, no período da cheia. São os estudantes da comunidade mais longe da escola.

Os estudantes da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, possuem realidades diferentes, são diversas identidades, uma miscigenação cultural e geográfica, em uma única região. A nossa Amazônia nos traz essas diferenciações e nos interliga a nossa história.

Esse projeto veio para que a gente possa analisar e visualizar alguns dos desempenhos dos alunos, eu tenho como professor, olhando pelo lado pedagógico, que os alunos tiveram um empenho, teve um desenvolvimento né, tiveram curiosidade também, eu acredito que uma das ferramentas assim, que ajudou bastante todo esse período foi a curiosidade deles né, sendo o ator ali, sendo o protagonista do enredo todinho ali do curta que foi proposto ali, e, com toda essa curiosidade depois das gravações, os que gravaram e os que queriam assistir também né, porque o que eu pude perceber assim, criou uma expectativa na escola, tanto pra ver como eles se desenvolveram lá durante as cenas né, e uma expectativa para o público que não vivenciou ali né, que ficou nos bastidores ali, outros que participaram de alguns capítulos e depois se ausentaram né, e criou aquela expectativa pra no dia da apresentação do curta ali eles pudessem ver como tudo saiu ou então a curiosidade deles saber como destrinchava toda a história que foi contada ali naquele momento né. Então essa dinâmica né, proposta aí deu um empenho maior não só dos participantes, mas da escola, da comunidade escolar em geral e da família também né, porque o pai ali, a mãe, o tio, o avô, também tiveram participação também, então no dia da apresentação todos estavam lá, pra prestigiar, pra ver como tudo ficou, e toda essa curiosidade, todo esse empenho né, faz com que a gente sai da nossa rotina normal e possa incrementar uma outra dinâmica nos alunos e também na família ne, durante esse período aí, e ainda assim eu acredito que até os alunos que as vezes são infrequentes na sala, com toda essa repercussão que dá os curtudinho, eles com todo o empenho dos outros ali pra ver as atuações, eles vem a somar também, vem a aparecer na escola, e no caso possam passar a ser mais frequente por conta de todo esse interesse também. A mudança do aluno assim em querer escrever, fazer o roteiro, em querer participar, as vezes ele não tem aquela habilidade de contracenar né, mas ele tem a habilidade de pensar e escrever, então ele desenvolve também um método ali junto a língua portuguesa, junto a matemática também, ele não atua ali, mas ele por trás dos bastidores ele tá presente, ele tá escrevendo a história dele, e o outro já desenvolve o que ele pensou, tenho certeza que é uma somatória de um processo todinho (Professor Gelton, Entrevista, 2024).

O professor Gelton, colaborador em nossa pesquisa, nos ajuda a compreender que os estudantes tiveram como grande inspiração para o desenvolvimento na escola, com o apoio do projeto, a “curiosidade” que os fizeram atuar no campo da pesquisa em seus processos de criação, isso porque, houve entrevistas feitas pelos estudantes em suas comunidades para

sondarem as lendas e contos da região, as observações nos locais onde seriam gravadas as cenas, as leituras dos roteiros e a seleção dos figurinos que também era feita pelos próprios estudantes. Um conjunto de atividades que se caracterizavam como atividades pedagógicas, mas na maioria das vezes invisíveis para os estudantes, pois, eles estavam pesquisando, criando e aprendendo durante o nascimento de seus filmes.

Nesse período a água do rio se distancia da margem das comunidades e dão espaços para as praias naturais o que faz o trajeto a pé até chegar ao porto maior, dependendo do nível de seca durante o ano tem comunidades que tem o curso do rio que liga até a escola totalmente tomado pelo chão de terra e areia, fazendo que os estudantes andem por quilômetros até chegarem no porto para ir para a escola.

São algumas das realidades de uma escola que se localiza em uma região ribeirinha em nosso estado. Tefé não foge a essa regra, pois, é banhada pelas águas do lago de Tefé, que é um afluente do rio Solimões

O documentário, que faz parte desta pesquisa, nos mostra as percepções dos estudantes e professores sobre participar de um projeto de audiovisual dentro do ambiente escolar, tendo essas atividades desenvolvidas durante as aulas trazendo uma aproximação entre os professores, pois, as atividades interdisciplinares são realizadas durante os processos de criações dos filmes, envolvendo várias áreas do conhecimento, professores inserindo em seus planos de aula as atividades de cinema que inclui as formulações dos roteiros, onde entram a parte de escrita e leitura, atividades vistas também dentro da disciplina de língua portuguesa.

Há também as atividades de reconhecimento dos locais das gravações, onde é observada as paisagens e há uma interação com a comunidade, pois, nesses momentos é possível ouvir histórias de contos da região que somente existe na localidade, e, a partir de alguns relatos dos comunitários, que em grande parte são os pais, avós e irmãos mais velhos dos estudantes, inspiram para as próximas produções cinematográficas. A gestora da escola na época da gravação dos filmes gentilmente relata a sua percepção sobre a atuação dos estudantes no projeto.

A participação no projeto, de ver o desenvolvimento dos meninos foi muito gratificante. E na época, como gestora da escola, foi um projeto que eu vi que poderia desenvolver bastante habilidades neles, principalmente na questão da oralidade. Eu via que eles tinham muitas vergonhas de falar, de se expressar. Então eu vi ali uma oportunidade de crescimento nesse sentido. E também de saber que poderia expandir novas... até que sabe de eles pensarem em novas possibilidades de profissões, que às vezes fica muito restrito, só em algumas áreas, e parece que câmera, outros objetos que eles participassem... Parecia que era algo para eles muito longe. Eles não se imaginavam, eu acho

também, e isso foi muito importante. E eles abraçaram, foi uma novidade para eles, tanto para os meninos quanto para a própria escola. Foi uma novidade assim, e algo muito positivo, muito bom mesmo de ver eles ali desempenhando os papéis né, a leitura, que tudo englobava ali. Então eu achei bem interessante e bem produtivo assim, na sua parte, a ideia de inserir o projeto aqui na escola [...] Depois que a gente vê os filmes, a gente tem aquela sensação assim, olha como que dá para fazer. Olha como que um trabalho ele ficou legal, como o filme ficou legal. Porque o filme é assim, parece que não tem todo um trabalho por trás, mas aí leva tempo, leva eles decorarem falas então. E quando tu percebe aquilo tudo prontinho ali, dá uma sensação de que é possível fazer coisas novas, mas que levem tempo, e que a escola tem que estar aberta para esse tipo de projeto, ela tem que estar aberta para esse tipo de oportunidade. Porque senão a gente fica muito só naquela velha forma de educação, e acaba perdendo outras formas que eles podem render também, e fazer a diferença de alguma forma. Então ver o filme pronto foi bem, como posso dizer assim, foi bem interessante, foi bem legal de ver o vídeo ali (Professora Lucelia Frazão, Entrevista, 2024).

A professora Lucélia, colaboradora em nossa pesquisa, é moradora da Comunidade da Missão, local onde está inserida a Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, algumas das cenas gravadas do filme, incluindo as cenas as margens do lago foram feitas nas propriedades da família da professora. É importante mencionar em nossa pesquisa houve um grande incentivo e apoio por parte da professora no desenvolvimento do projeto Cinema é Arte, todas as vezes que foram pedidos tempos extras para dar continuidade as gravações e permissões para gravar nas terras pertencentes a professora ela sempre gentilmente nos cedeu, e, na maioria das vezes acompanhou de perto as gravações, fato que para os estudantes foi algo incentivador, pois, a gestora da escola, também os acompanhava em suas produções cinematográficas.

O processo de criação inicia-se em sala de aula, desde o surgimento do projeto no ano de 2021, quando foi dado aos estudantes uma atividade que competia eles elaborarem uma história, com um tema livre, baseada nos contos e lendas da região onde eles moravam, pois são várias identidades presentes na escola porque há estudantes de 16 comunidades de diferentes regiões próximas a Comunidade da Missão onde acontecem as aulas.

Um ponto bem marcante que analiso, é que a primeira fase dos processos de criações aconteciam sem a interferência dos meios tecnológicos, pois, os estudantes apenas utilizavam a caneta e a folha do caderno e a comunicação verbal em suas residências para perguntarem de seus familiares e amigos sobre os contos e lendas de suas comunidades, era um trabalho de escuta, uma pesquisa que eles realização e não percebiam, pois faziam uma entrevista aberta, onde eles apenas escutavam e depois faziam as suas anotações.

Por se tratar de estudantes de 6º ano, e, vindos de escolas municipais de comunidades mais afastadas onde ainda há em alguns períodos aulas regulares com professores formados na área de conhecimento específica, muitos de nossos alunos chegam na escola com pouco domínio da escrita e da leitura, alguns são preciso passar por uma alfabetização de fato para poderem acompanhar o ritmo da segunda fase do ensino fundamental da rede estadual.

Como corrobora Lévi-Strauss (1974) ao abordar o diálogo História e Antropologia procura por distinguir os domínios de cada uma enfatizando a questão dos materiais de estudo pelos quais cada ciência prefere se debruçar. Para o autor a ciência histórica tem a sua preferência pelas fontes escritas, se utilizando também outras tipologias como as fontes orais, imagéticas dando luz a uma abordagem diacrônica que parte do presente para o passado em busca das respostas para as suas perguntas.

Tive a satisfação em participar da produção e idealização do projeto Cinema é Arte nas escolas. Tive a satisfação de estar implementando, juntamente com o professor George Inhuma, esse projeto nas escolas, principalmente na escola Nossa Senhora das Graças, no estado do Amazonas, na cidade de Tefé. Tive esse prazer e satisfação desse projeto, vendo o início e o meio resultado desse projeto na vida das crianças, tendo uma amplitude ali, um acervo cultural, uma condição de melhoria na sua oratória, de cada criança, na leitura, vendo que na timidez pode ser sim trabalhada, mostrando para eles que há um projeto a ser trabalhado, que eles podem estar inseridos dentro desse projeto, que são interdisciplinares, às vezes interescolar também. Tive essa satisfação também em estar vendo crianças que tinham bastante dificuldade, tendo essa evolução acadêmica, uma evolução pessoal, uma evolução social, e ver esse projeto que foi idealizado muito pequeno, tomando uma proporção cada vez maior, e ficando atingindo o maior número de crianças, maior número de escolas também, e trazendo esse impacto para a sociedade (Professor Igorman, Entrevista, 2024).

A primeira fase do processo de criação acontece utilizando a metodologia já citada, que, é a elaboração de um texto contanto uma história de contos e lendas da região depois de alguns dias em que os estudantes colhem informações em suas casas, somente depois desses períodos é que é entregue para o professor as histórias para serem lidas e depois comentadas nas aulas entre educador e educando. Essa metodologia se assemelha a “hora das novidades” presente no livro Educar com a mídia: Novos diálogos sobre educação, de Paulo Freire e Sérgio Guimarães, onde se exercitava uma comunicação livre com os estudantes nas primeiras horas da aula, espaço onde se escutava as histórias e fatos ocorridos e observados pelos educandos durante o período em que estavam fora da escola, com base nos meios de comunicação da época, década de 1970.

O que diferencia da primeira fase do processo de criação do projeto Cinema é Arte para a “hora das novidades” é que a comunicação da primeira era feita através da escrita e da escuta dos relatos fora da escola e o outro era uma partilha dos estudantes de fatos que eles tinham visto na televisão, em fotonovelas, em histórias em quadrinhos, no rádio. Eram informações, ideias, fatos que não tinham sido levados a eles pela escola, mas pelos meios de comunicação. Os dois fatos se tornam semelhantes quando observamos que nenhuma das informações colhidas pelos estudantes não foi levada a eles pela escola, e sim pelos meios de comunicação ao qual eles tinham tido contato de uma forma totalmente informal.

Por sua vez a antropologia se caracteriza por um estudo in loco da cultura a qual busca analisar, descrever, entender uma análise realizada não, mas, em tempo diacrônico, mas uma análise do agora das coisas como estão, um tempo sincrônico. Na perspectiva do etnólogo francês esta análise daria vazão a um modelo estrutural da cultura a qual se debruça o pesquisador, ou seja, das características fundamentais que regem tal sociedade, dos seus sistemas simbólicos.

Ainda podem nos elucidar os pressupostos de Robert Darnton (1990) ao pensar a forma pela qual a história deveria se influenciar pela antropologia no sentido de uma compreensão melhor do contexto aos quais as fontes denotam aos historiadores. Enquanto historiador cultural este observava a possibilidade real de uma saída da ideia de texto e contexto colocada pela história tradicional para invés disso uma partida em direção a compreensão da dimensão social das tipologias textuais, para além da simples transcrição de informação.

Podemos dizer uma real hermenêutica do pensamento histórico uma nova análise. Análise esta que permitiria deste ponto de vista uma infinidade de novos trabalhos no campo histórico, como a situação da pesquisa em voga que passa por tipologias documentais que marcaram seus registros no tempo fanzines, letras, álbuns, mas sobretudo pela interpretação destas obras e dos indivíduos agentes dessa história que necessita da antropologia para ser captada pelas lentes da ciência.

Eu comecei a participar do Projeto Cinema e Arte em 2022, quando eu estava estudando no sexto ano. Eu gostei muito de fazer esse projeto porque ele foi uma mudança de, sei lá, do cotidiano das nossas aulas, que eram sempre as mesmas, apresentar trabalho, escrever, ler, e isso fez uma grande mudança e eu acho que isso foi muito legal, não só para mim, mas também para todos os meus colegas que fizeram o filme, eu acho que todo mundo gostou, que inclusive nós estávamos vendo e todo mundo riu, todo mundo achou legal, e eu acho que o nosso filme, ele incentivou algumas pessoas a perder mais a timidez. Nós temos alguns alunos, né, que ainda são tímidos, mas eu acho que com esse filme eles

podiam ter mais confiança neles mesmos, e tipo, eles vêem que o filme ficou legal e eles podem, né, ter mais confiança neles, no potencial deles, e o nosso roteiro do nosso filme, A Lenda da Samumera, foi uma atividade de história, o professor George pediu para que nós escrevêssemos histórias como se fosse um roteiro de um filme, aí todo mundo fez a sua história, todo mundo participou, só que no caso nós teremos que escolher uma, uma que se encaixasse lá na nossa possibilidade de fazer o filme, aí nós escolhemos a história da nossa colega Laís Fabiani, ela escreveu A Lenda da Samumera, que é o nosso filme, que eu acho que ficou um filme bem legal, com a participação de todos, e o roteiro dela também, a história que ela escolheu, eu acho que foi uma boa escolha para representar sendo que nós temos uma árvore que foi, que ela é bem perto da escola, e essa árvore ela foi usada não só em nosso filme, mas também em outro filme, os dois compadres, que eram nossos colegas, no sétimo ano, na época de 2022, e eu acho que essa árvore ela também representa uma coisa muito boa para a nossa comunidade, eu não sei quantos anos aquela árvore tem, mas eu sei que ela deve ter uns bons anos, até antes de eu nascer ela já devia estar lá, antes meus colegas nascerem, e eu acho que essa árvore ela tem uma grande história, e ela representa muito nesse filme. Meu personagem, ele é o professor Samuel, ele é um cara que não acredita muito nessas coisas de história, folclore, ele é um cara que é meio que ateu dessas coisas, ele confia só, ele é aquele cara que só confia na ciência, ele não tem religião, não tem esses negócios, então ele vai a todo momento, ele vai continuando sem acreditar naquela história de lenda da Samumera, e que aquela aluna não tinha nada especial, ela apenas tinha sumido, então né, ele parte à procura dessa aluna que tinha sumido, que no caso era Teenerrara, que era a Samumera, e no meio desse caminho dele toda, toda vez negando que aquilo podia ser alguma coisa do nosso folclore brasileiro, que podia ter algum poder, ele foi meio que punido por essa árvore, por essa entidade, por ele não acreditar nas nossas religiões, no nosso folclore, que eu creio que se existe Deus também devem existir algumas outras coisas que também tenham poder, e ele foi punido por não acreditar nessas coisas (Elton, Entrevista, 2024).

É possível afirmar que, os estudantes da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças levam para as aulas os reflexos de suas vivências do mundo com características dos meios de comunicação a qual elas têm acesso, como é o caso do rádio, tv e internet, cada um com suas características e bem acessados nas comunidades onde residem a maiorias dos estudantes.

Dar liberdade para que o educando possa criar sem interferência, isso falando no momento em que ele está escrevendo, é algo muito importante para o surgimento das grandes obras, o professor nesse contexto, usa de sua hierarquia na condução das aulas e no direcionamento para articular e moderar as atividades em sala de aula, pois, isso é preciso pelo fato de haver a necessidade de uma liderança para que os educandos possam se sentir bem para se expressar sem receio de serem silenciados em suas comunicações, e, um respeito muito entre todos, uma atmosfera democrática onde haja uma educação coletiva, um aprendizado amplo, onde o que se aprenda fora do ambiente escolar também seja importante.

Ter essa liberdade torna o criar algo prazeroso, aí podemos dizer que se inicia o processo de criação das obras dos estudantes, um grande conjunto de fatos, desde a sua vivência em casa com familiares e amigos, seu deslocamento até a escola e o seu ambiente de aula diária em sala.

2.2 Dialogicidade e Arte em uma escola na floresta

Atuando na área da educação ribeirinha desde 2011, onde iniciei minha carreira de professor na região do Lago do Jutica, próximo a comunidade do Caiambé no município de Tefé, no ensino fundamental, nas comunidades de Marajó e Jutica até meu ingresso na rede estadual em 2012 onde atuo até hoje na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, observo que, a dialogicidade está presente não somente na educação mas também na Arte, há um complemento e uma unificação entre as duas, e, são exercidas pelos estudantes e isso nem sempre é observado, mas é algo muito importante para o desenvolvimento da criticidade dos educandos.

Para Freire (1987) somente o diálogo pode influenciar diretamente em um pensar crítico e, também é capaz de gerá-lo. Não existe a possibilidade de não haver uma educomunicação no ambiente escolar. Essa influência vem da vivência tanto do lado do estudante, mas também do lado do professor, que, faz essa ponte entre o pensar e o executar do estudante, a partir das suas inspirações dentro de cada área do conhecimento, e, no caso das criações artísticas, trazerem elementos do seu dia a dia, pois, está tudo interligado, sendo que, fora da escola também existe um aprendizado, e isso precisa sempre ser valorizado.

Diante disso, Ostrower (1977) enfatiza que a natureza criativa do homem acontece dentro de um contexto cultural e todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, fazendo com que as valorações culturais se moldam os próprios valores de vida. Logo, podemos enfatizar que as inspirações dos estudantes, vem de suas raízes culturais e do ambiente no qual vivem e interagem.

Com base em nossa análise que caracterizaremos por uma análise imersiva, navegaremos no que aponta Malinowski (1950) ao realizar sua observação dos participantes da cultura das Ilhas Trobiand no início do século XX. Na perspectiva realizada pelo antropólogo o pesquisador participa, procura entender os significados culturais realmente se envolvendo ao meio social ao qual se dedica a compreender. Tomamos por base na experiência do antropólogo

para nos guiarmos, nos levando a entender a dinâmica das fontes colhidas pelos colaboradores, trazendo luz ao nosso trabalho.

Houve uma atenção de minha parte para analisar os dados colhidos durante a pesquisa, sendo que também estou inserido neste trabalho, pois faço parte do quadro de professores da escola e navego pela área artística da música e do cinema. As colaborações dos estudantes e professores nesta pesquisa nos ajudam a entender o olhar dos criadores das obras e perceber seus sentimentos diante das vivências da arte e da ciência dentro do ambiente escolar.

A seguir, trazemos as percepções das autoras, as escritoras das histórias que se transformaram em filme, duas estudantes do 6º ano do ensino fundamental, uma do ano de 2021 e a outra de 2022, que tiveram suas histórias selecionadas e também atuaram como atriz nos filmes.

Começou quando a mamãe mandou eu ver alguma coisa para eu falar para ela e ela ia escrevendo o que ia fazer. Aí eu lembrei lá das histórias que o papai contava, sobre a curupira essas coisas de lá. Aí eu fui falando pra ela tudo que ele falava. Aí ela escreveu a história dos “dois compadres”. Aí ela foi escrevendo e depois eu só dei umas ajeitadas que mais para dizer que fui eu que escrevi, né? Aí... Depois... trouxe para a escola. A história foi selecionada, né, para servir de história para o filme [...] entreguei, né, para o professor e... aí ele leu, Depois ele já tinha falado que a gente poderia fazer um filme no outro ano. Aí ele disse que dava para fazer o filme daquela história. Aí perguntou para os alunos e todos toparam fazer o filme. Eu lembro mais dali da parte que a gente juntava a castanha, né? Bem linda. E da parte da curupira também dali. Mas eu senti até, sei lá, fiquei tão ... Fiquei emocionada, assim. Eu assisti o filme lá em casa um dia desse mesmo. Foi no último dia de aula, se eu não me engano. Quase foi no último, se eu não me engano. Aí eu trouxe a mamãe, que veio. Mamãe e meus irmãos [...] Até deu vergonha um pouco. Eu estava falando lá na frente. Mas eu me senti... Teve elogios de muitas pessoas também. Gostaram do filme. Também gostei. Mas foi... Meu pai dizia que quando eles iam juntar a castanha lá pro centro, sempre quando eles chegavam lá, tinham desenhos desenhados na árvore. Cada árvore tinha um instrumento, assim. Aí toda a noite, quando eles iam dormir, ficava tocando, assim. Aí, eles chegaram lá no bairro do Castanhal, né? Aí, meu papai fala que eles juntavam, assim, bastante castanha. Aí, eles voltavam pro barco pra dormir. Aí, diz que ficava meio que aquelas assombrações, assim, mas... Aí de manhã eles iam, né? Aí eles viam a curupira, né? O que eles falam. Que ficava assobiando lá. (Manuela Bastos da Silva, Entrevista, 2024).

A estudante, atriz e escritora Manuela é moradora da Comunidade Vila Bastos, uma comunidade vizinha a Comunidade da Missão onde se localiza a escola. Ela é autora do primeiro filme produzido do Projeto Cinema é Arte, na época, em 2021 sua história foi selecionada entre as histórias de seus colegas de sala, para ser adaptada para a produção do curta

metragem “Os dois compade”, o filme foi tão bem aceito pela comunidade escolar que no ano seguinte teve a parte dois produzida pela sua turma.

Esse trabalho passado pelo professor, para a turma da Manuela, minha filha, na época ela estava passando por um período muito difícil de pós pandemia e ela era muito desmotivada, já tinha sido chamada na escola por conta dessa desmotivação dela. E ela se isolou muito. E quando o professor George chegou à escola e pediu para os alunos contarem alguma história [...] ou contar alguma contada pelos pais. E a Manuela disse ao pai dela e ele contou essa história. E a gente não sabia até que seria uma das selecionadas, que foi a selecionada. E essa história é contada pelo meu sogro, que é o avô da Manuela, que ele sempre conta, que o pai dele contava. E o meu esposo contava pra ela enquanto pequena. E ela contou né, escreveu, e ela foi selecionada essa história. E isso é motivou muito. Trouxe uma motivação não só para ela, como para a turma toda. Eles ficaram todos bem animados. Trouxe espírito competitivo para eles, para ver quem fez a história mais legal. Isso motivou até a própria comunidade também. E, graças a Deus, ela saiu daquele período em que estava depressiva. que foi acompanhado mesmo, foi acompanhado pela psicóloga por vários meses. Até hoje não sabemos o motivo ainda dessa situação dela, mas disso foi um salto que ela saiu, saiu daquele mundo que ela estava se afundando. E isso foi uma inspiração, não só para ela como para a nossa família, porque a gente ficou bem animada, a nossa comunidade, reuniu a comunidade para assistir. Na nossa comunidade teve um filme, um cinema, que foi trazido com algumas pessoas de outras comunidades, e esse foi um dos filmes que foi assistido. que foi um mini-cinema entre as comunidades. Teve muitas crianças, adolescentes, até idosos mesmo, que assistiram. Não só esse, mas acho que vários outros filmes. Mas esse foi um que foi assistido na nossa comunidade, que é a comunidade de Vila Bastos, Missão e Vila Vale. E isso vem incentivando cada dia as crianças [...] de escrita, da leitura, e trouxe até mais para a própria escola. A escola estava passando por um período muito negativo e hoje evoluiu muito através desses filmes, desses curtas, que trouxeram mais alegria para a nossa escola [...] Isso é muito gratificante para a gente, para a mãe, de ver o seu filho saindo daquele mundo ali dele e abrindo um leque para a vida. (Débora de Oliveira Bastos, entrevista, 2024)

A colaboradora de nossa pesquisa, a senhora Débora, é mãe da estudante Manuela, e nos conta a sua visão do filme produzido pelos estudantes no cotidiano dos estudantes, da escola e na sua comunidade onde reside, a Comunidade de Vila Bastos, onde houve uma noite de exibição de filmes e o filme escrito pela estudante Manuela foi exibido. Uma grande partilha das atividades realizadas dentro da escola e exposta para a sociedade, uma inclusão a partir do cinema na escola.

Eu criei a história junto da minha mãe. Conta sobre uma índia chamada Teenerrara que um dia saiu para procurar frutos na floresta e desapareceu. Eu me inspirei na Samumeira para fazer a lenda. Não demorou muito para criar a história, demorou só acho que uma hora, uma hora por aí. Eu e minha mãe a gente fez à noite, aí [...] Eu me senti muito feliz quando minha história foi escolhida. Eu não imaginava que minha história seria escolhida, porque eu

não imaginava tanto assim. Aí depois que fui ver o filme , gostei bastante da minha atuação no filme , porque participei como professora [...] As gravações, elas foram boas, foram muito legais. A gente gravava nos horários de geografia, arte, religião, sempre parte por parte. (Laís Vale, entrevista, 2024)

Em 2022, a estudante, atriz e escritora Laís escreveu a história intitulada “A lenda da Samumeira” uma das maiores árvores existentes na região, e, próximo a região da escola, na Comunidade da Missão, tem uma samumeira, e, aos pés desta árvore foram feitas algumas das cenas do filme e outras produções do projeto também. A estudante Laís é moradora da Comunidade Vila Vale, que fica entre a Comunidade da Missão e a Comunidade Vila Bastos, na mesma margem do lago de Tefé. Em seguida, podemos observar a visão de sua mãe sobre a sua participação no projeto Cinema é Arte e suas atuações como atriz.

Bom, a participação da Laís no processo do Cinema é Arte, a Laís teve um bom desenvolvimento na questão da escrita, porque ela ficou muito entusiasmada com a história que ela procurou criar e saber também os contos que são contados por pessoa que vem passando de um pro outro, ela entrou em um processo, ela começou a perguntar, a questionar e saber como era e isso ajudou muito na questão da escola, na parte no desenvolvimento da escrita e da pesquisa também, e, durante o processo de desenvolvimento da filmagem ela ficou muito entusiasmada, ela se preparava né, e treinava em casa a fala dela, como que ela ia ficar, o modo que ela ia ficar, como que ela ia agir e ficou muito ansiosa também, no dia da gravação ela ficava muito ansiosa, e ajeitava a roupa, procurava dar o melhor dela, como ela ia aparecer acho assim que ela ia aparecer e todo mundo ver, procurou dar o melhor de si. E no processo da escrita foi muito bom na parte como eu já pronunciei de ela ir saber procurar, como que era né, e eu como mãe procurei ajudar ela, de colocar as palavras certas, é, a questão da ortografia, mas, a maior parte ela foi fazendo, foi escrevendo sozinha, eu tava ali só pra orientar, então foi muito bom, desenvolveu a parte da linguagem, desenvoltura, da expressão, que é uma aluna que não se expressa muito e nessa parte também foi muito bom, na parte da expressão oral que ela teve e até hoje ela gosta de apresentar e de encenar, então essa parte foi bom pra ela. Ajudou muito na parte escolar dela [...] Ela ficou encantada mais ainda, todo aquele trabalho que ela teve né, ela pode perceber que valeu a pena né, do jeito que eles fizeram foi muito bom, ela gostou bastante. Quando ela soube que a história dela foi selecionada né, aí ela ficou muito alegre, e aí que ela ficou “e agora mamãe, que agora nós vamos fazer o filme em cima da minha história” aí ela ficou mais ansiosa mesmo, mais animada “mamãe, e agora o que eu vou fazer?” você vai encenar, vão fazer tudo isso, vocês vão encenar, eu fui dizendo pra ela, do jeito que ta aí, do jeito que você contou, essa história é o que basicamente o que todo mundo vinha contando, a história da samumera, do tempo do avô, do tempo dos tios, do tempo do pai, até os dias de hoje ainda se fala da samumera né, dos contos, falam das aparições, coisas macabra que acontecem na samumera, e até hoje tem uns que tem medo de passar ali perto da árvore né, são apenas mitos que contam ali pras crianças né e vai passando de geração para geração. (Gleizara Coelho Oliveira, entrevista, 2024)

A nossa colaboradora, Gleizara, é mãe da estudante Laís, e professora na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, tem uma percepção das atividades de sua filha no projeto Cinema é Arte com um olhar que vai desde sua aproximação no ambiente escolar até no ambiente familiar. Em sua fala notamos seu incentivo a todos os estudantes do projeto, pois, ela também faz parte das atividades e é produtora de algumas obras realizadas pelo projeto, entre elas 3 clipes produzidos durante o projeto da Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla com o clipe do Boto Tucuxi e o clipe, o clipe da lenda do boto e o clipe da dança do carimbó, todos eles disponíveis no canal do youtube do projeto Cinema é Arte.

Os fenômenos geográficos na região amazônica, a cheia e a seca dos rios, períodos onde aumentam e diminuem o nível de água, e, a cada ano de uma forma diferente, dependendo das influências climáticas do nosso planeta, reflete nos processos de criação no campo da arte do cinema na escola, pois, os estudantes vivenciam essas mudanças no seu dia a dia em suas comunidades e em seus deslocamentos pelos rios até a escola, que acabam mudando a duração da navegação em suas catraias (canoas que fazem o transporte escolar).

Como corrobora Krenak (2020) a Amazônia é muito importante para o meio ambiente global, pois, o volume de água doce existente nos rios e a floresta influenciam no volume de água das chuvas não somente da região.

O volume de água que vem pelo ar é comparado ao volume de água dos grandes rios, e alguém já estimou o volume dessa água comparando-o à parte da formação do rio Amazonas. É como se a gente tivesse um rio correndo na terra, e outro no céu. Esses rios voadores vêm limpos. É quase como oxigênio puro nesse estado em que ele voa, pelas nuvens, cria essa densidade, até despencar sobre o sudeste, proporcionando a agricultura e todas as nossas atividades que precisam de chuva, trazem a chuva aqui para a mata atlântica. Esses rios voadores saíram da floresta amazônica e levaram um susto para os paulistas quando levaram a fumaça das queimadas da floresta para transformar um dia, que costuma ser luminoso em São Paulo, em um dia extensão da noite, como se fosse uma escuridão. Os paulistas ficaram muito apavorados com aquele fenômeno, e parece que fez com que o pessoal do sudeste despertasse para a tragédia que estava acontecendo na Amazônia, com a queimada das florestas (p. 12).

Isso se torna uma aula de geografia prática com demonstrações das influências e transformações das paisagens naturais devido os períodos em que estejam os volumes dos rios e também a estação do ano, que em nosso estado costumamos ter apenas o período do verão, que é a época mais quente do ano, e, o inverno, que, é a época das ocorrências das chuvas, ventanias e temporais.

Imagem 18: Comunidade Vila Vale no período da cheia



Fonte: acervo do pesquisador, 2015.

A comunidade Vila Vale está localizada as margens do lago de Tefé, próxima a comunidade da Missão, em 2015 ocorreu uma das maiores cheias na região de Tefé, e grande parte das casas dos estudantes que moram em áreas de várzea ficaram submersas, o que faz parte da dinâmica dos rios da Amazônia e da vida dos atores e atrizes do nosso projeto, que além de estudantes são ribeirinhos, que enfrentam os desafios da natureza em diversos períodos do ano. Nesta comunidade residem aproximadamente 40 estudantes da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças participantes do projeto Cinema é Arte. Na fotografia podemos observar as casas emersas devido a grande cheia bem abaixo do nível em que se encontra o flutuante ao lado.

Imagem 19: Centro urbano de Tefé durante a cheia de 2015



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2015.

A cheia também gerou impacto na área urbana do município de Tefé, pois, grande parte das ruas do centro ficam inundadas, e dificultou o acesso de pessoas e veículos, além de ter desabrigado muitos moradores do centro e das áreas periféricas, foram milhares de pessoas que sofreram durante o período de cheia extrema na cidade no ano de 2015.

Para os professores e demais funcionários da escola, também houve um reflexo impactante, pois, a maioria reside na sede da cidade, e, o deslocamento até a escola ficou mais difícil, tanto na parte dos veículos que ficavam em locais muito longe do embarque e também os perigos enfrentados durante o deslocamento, pois, devido a cheia do rio e com o volume de água acima do normal a correnteza e os banzeiros se intensificavam.

Imagem 20: Porto da escola da Comunidade da Missão no período da cheia



Fonte: Acervo do pesquisador, 2015.

Registro feito no período da cheia no porto da Comunidade da Missão, onde fica a escada que dá acesso a frente da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, nessa época mais de 10 degraus da escada ficaram submersos. A escadaria possui 108 degraus e foi construída em 2013 pelos próprios estudantes e professores com recursos próprios, pois antes, o acesso até a escola era muito difícil devido ao relevo do lugar.

A construção da escada, feita de concreto, envolveu todo o corpo da escola, entre professores, estudantes, funcionários e pais dos estudantes. E durante a semana que antecedeu a obra, houve uma grande mobilização por parte da logística em levar os materiais (areia, seixo, madeira e cimento) para o local onde foi construído a escada. Ressalto nesta pesquisa a construção da escada, realizada a 12 anos atrás, para mostrar a particularidade de uma escola ribeirinha e o trabalho coletivo realizado por toda a comunidade escolar, esse trabalho em conjunto reflete também no aprendizado dos estudantes e na formação dos professores, pois, é uma vivência de uma construção por várias mãos, que, assim como em projetos pedagógicos é necessário, uma construção coletiva gera ótimos resultados.

Imagem 21: Construção da escada que dá acesso a escola



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2013.

Imagem 22: Professores na construção da escada que dá acesso a escola



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2013.

Imagem 23: Margem da Comunidade da Missão no período da seca



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2024.

Durante o período da seca, a distância até se chegar a escolar aumenta, pois é preciso caminhar por um longo caminho, devido a diminuição do volume das águas do lago de Tefé e do rio Solimões, na forma acima podemos observar os estudantes caminhando pelo barro batido onde no período das cheias do rio a água chega a bater quase a metade do tronco das árvores e torna-se um grande lago.

Imagem 24: Escada da escola no período da seca



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2014.

Durante o período da seca os locais onde eram inundados e só se passava de canoa tornam-se longos caminhos de chão batido por onde se anda até chegar no início da escada que dá acesso a Escola Estadual Nossa Senhora das Graças. Nesse período os professores e estudantes precisam sair mais cedo de suas residências, pois, o tempo de deslocamento até a escola é mais longo, e, além do deslocamento fluvial, ainda existe um longo caminho andando.

São algumas das características particulares de uma escola da zona rural no município de Tefé, algo que não se costuma ter em uma escola na sede urbana. Ainda no período existe na comunidade uma dificuldade com o transporte de merenda e de livros, devido a distancia e a dificuldade por causa da seca é comum o atraso da entrega da merenda, isso faz com que algumas vezes as aulas tenham seu tempo reduzido pela falta da alimentação dos estudantes, que em sua grande maioria precisam sair bem cedo de suas casas, e, alguns fazem sua primeira refeição na escola durante a merenda.

Podemos analisar as vivências dos estudantes e professores da escola com base nas ideias de Krenak (2020) quando enfatiza o “ser Krenak”, que é uma constituição de pessoa

muito formada por um sentimento coletivo. Esse modo de uma rotina em grupo, em união e de um caminhar junto, visto em diversos momentos na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, nos faz entender, que, dentro do projeto de cinema desenvolvido no ambiente escolar, os estudantes vivem a importância do viver coletivo, do produzir de forma coletiva e do entender que a partir de um grupo onde não existam ditadores, ou até mesmo líderes ditadores, as produções são muito mais fortes e se tornam grandes obras que irão influenciar de forma positiva e saudável outras pessoas, e, seu alcance será muito maior.

É um grande aprendizado coletivo muito, onde todos aprendem, e, isso também se reflete no papel do professor em sala, que, não deixa de ter a sua importância e liderança, mas, tem um papel fundamental quando ele se torna um grande moderador e articulador, conseguindo reger as regras impostas pelo sistema educativo fazendo com que os estudantes absorvam e caminhem em direção do desenvolvimento de seus sentidos críticos e criadores de culturas e artes dentro da escola, refletindo nas suas voltas as suas residências, pois, multiplicam as informações e aprendizados recebidos na escola.

2.3 UMA EDUCAÇÃO SEM LADO “A” E SEM LADO “B”?

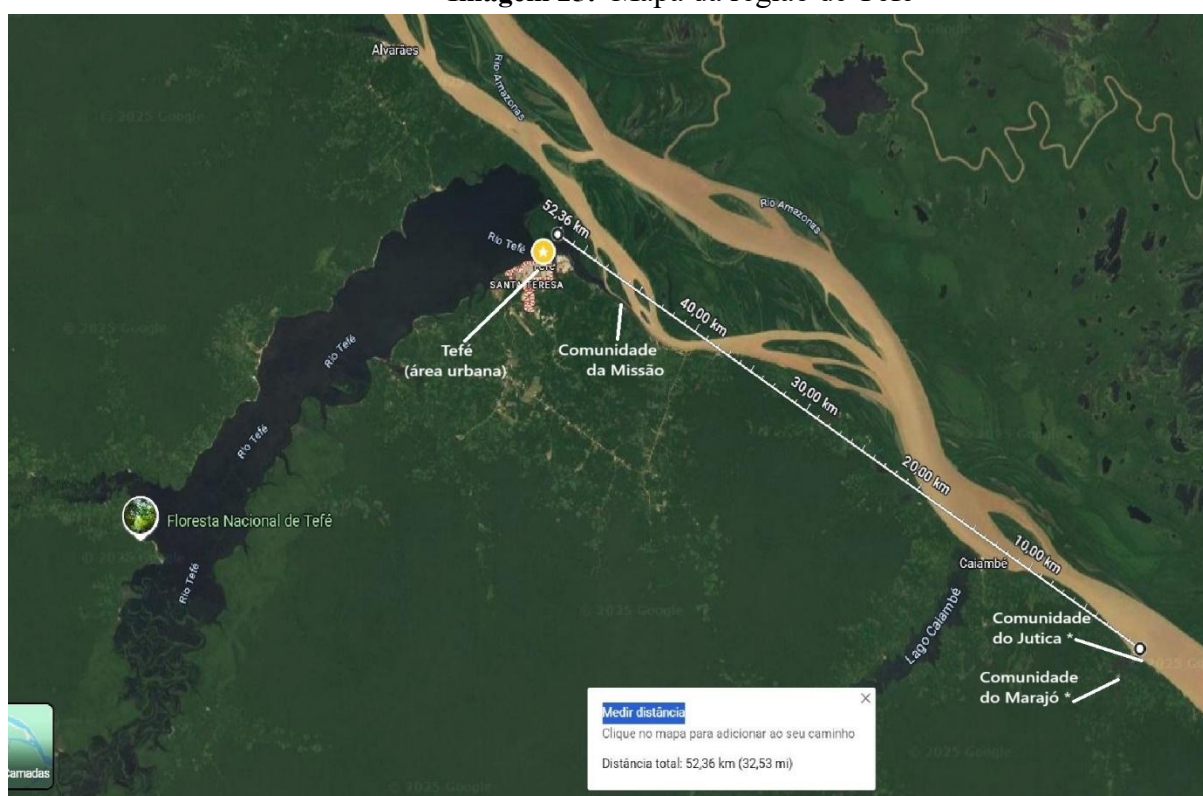
No mundo contemporâneo, mencionar a expressão “lado A” ou “lado B” pode parecer sem nexos ou sem contexto, expressões sem sentido. Porém, esse tópico carrega essas informações pois traz referências a um passado próximo, de algumas décadas atrás, sim, é da época dos discos de vinil, muito utilizados em nossa região e creio que em todo o Brasil, uma época em que os discos se integravam a uma grande tecnologia, e eram a sensação nas casas das famílias ou nas festas, tanto do interior como da cidade.

Neste tópico utilizarei com frequência o pronome “Eu”, para que, de forma singular e objetiva possa haver uma comunicação do autor desta pesquisa com os leitores e contextualizar os objetivos dessa pesquisa. De 2012 até aqui já se vão 13 anos, atuando no campo da educação ribeirinha na rede estadual de ensino na cidade de Tefé, na verdade são 14 anos, pois, no ano anterior, em 2011, iniciei na rede municipal, logo depois que saí do exército brasileiro atuando por 7 anos como soldado de infantaria no 17º Batalhão de Infantaria de Selva. Na rede municipal atuei em 2 escolas no lago do Jutica, uma situada na comunidade do Jutica, as margens do rio Solimões no turno matutino, na escola municipal Imaculada Conceição, e no período da tarde, no turno vespertino, na escola municipal Augustinho de Castro localizada na Comunidade do Marajó no lago do Jutica. Nesse período eu residia na comunidade do Marajó, acordava cedo e ia de canoa até o Jutica para as aulas da manhã e no final do turno retornava para o Marajó para

o segundo turno, nessa época não existia energia elétrica nessas comunidades, a comunicação era limitada, tinha um orelhão que funcionava as vezes, e, no Marajó tinha o ensino mediado por tecnologia de responsabilidade da rede estadual e as vezes eu conseguia enviar mensagens para minha família quando tinha um tempo vago no computador, isso era muito raro, pois a comunidade tinha um gerador de luz, que fornecia energia elétrica das 18h até as 22h, e quase sempre, quando as aulas acabavam, em poucos minutos o gerador era desligado.

Logo abaixo, trago uma imagem de satélite para descrever o espaço geográfico e a distância entre as comunidades nas quais já atuei e atuo.

Imagem 25: Mapa da região de Tefé



Fonte: Google maps, 2015.

Minha trajetória como educador sempre foi na zona rural, em comunidades ribeirinhas, posso dizer que conheço a realidade do povo que vive nas margens dos rios e lagos, não por completo, mas vivencio as suas rotinas até as aulas.

Me incluo nesta pesquisa, pois vivencio a rotina das crianças e jovens que estudam na escola Nossa Senhora das Graças, e, também chego todos os dias pelo rio, em um bote de alumínio que se junta as canoas dos estudantes que vem de suas comunidades para estudar e junto com eles seus sonhos e expectativas por um mundo melhor.

Antes de eu andar, junto com meus colegas professores, no bote de alumínio, que é de um senhor que se chama Francisco, mas que desde quando o conhecemos em 2012 o chamamos

carinhosamente de “seu Chico”, andávamos (navegávamos) de canoa com um motor de força atrás, popularmente chamado em nossa região de motor rabeta, que de forma lenta mas sendo mais rápido do que os remos nos leva a vários lugares de nossa região, enfatizo que, nós professores não possuímos transporte próprio para fazer esse deslocamento, a canoa e o motor eram comprados com o nosso próprio dinheiro, em cooperação e parcelado em algumas vezes. Atualmente pagamos o serviço do “seu Chico” que nos leva todos os dias para a escola e no final do dia ele nos busca e nos leva até a sede do município.

Atualmente, o frete está em torno de R\$ 300,00 por mês, os professores concursados recebem um auxílio transporte de 200 reais mensais, valor que apenas ajuda a completar esse valor pois ainda tem o deslocamento feito na cidade até o porto e do porto até as residências. Já os professores temporários, os contratados com contratos de 2 anos, não recebem esse benefício, logo, precisam destinar parte de seus salários para pagarem o transporte até chegar à escola.

São alguns pontos que vejo como necessário ser colocado nesta pesquisa, uma contextualização da atmosfera, do ambiente que é se trabalhar e estudar em uma escola ribeirinha no estado do Amazonas, como já foi mencionando anteriormente, é bem diferente de uma escola que se localiza na zona urbana do município, isso é mais um exemplo dessa diferença. Logo abaixo trago uma imagem que me traz muitas lembranças e ajuda explicar minha trajetória na educação ribeirinha no interior do Amazonas.

Imagem 26: Transporte dos professores em 2012



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2012.

Nesta fotografia, tirada no ano de 2012, por volta das 6h20 da manhã, eu apareço ao fundo, de camisa laranja e de boné, estava dirigindo (pilotando) o motor rabeta, na canoa estava

os professores que trabalham na escola no período da manhã e tarde com carga horária de 40 horas semanais, e, alguns que trabalhavam apenas pelo período da manhã com carga horária de 20 horas semanais, e, entre os de 20 horas tinham os professores que trabalhavam de 15 a 17 horas semanais, mas que ficam as 20 horas na escola porque tinham que esperar os outros colegas com carga horária completa para poderem retornar a cidade.

O deslocamento feito nesta canoa durava basicamente uma hora, logo, para sairmos da cidade tínhamos que chegar no porto antes das 6 horas, ainda com o céu escuro, como a logística de preparo do transporte era toda feita por nós, existia um tempo para pegar o motor que era guardado no flutuante (casas que ficam submersas nas margens do rio) e colocá-lo na canoa, e colocar gasolina (abastecer o motor), tirar água da canoa e organizar as mochilas em um local seguro para que não molhasse no trajeto, somente depois disso que saíamos do porto em direção a escola.

Era comum o nosso café da manhã ser feito no trajeto, na própria canoa, observando as nossas lindas paisagens, entre boas conversas com os colegas e como trilha sonora o som do motor rabeta, que tem uma melodia de som bem marcante, sendo um barulho considerável, isso fazia com que tivéssemos que falar um pouco mais alto para os colegas escutarem.

Todo esse movimento de logística para ir até a escola acontecia de forma coletiva, pois, tinha uma organização diária, entre todos que utilizavam do transporte tinha uma pessoa que fazia o controle do pagamento mensal, que era destinado a compra de gasolina e ao pagamento do aluguel de onde a canoa ficava, era o tesoureiro, que mudava todos os meses. Também havia a escola de motoristas da canoa, o motorista era responsável para pegar o motor no flutuante e carregá-lo e colocá-lo na canoa, tarefa que exigia força física e habilidade de se equilibrar na canoa.

Nessa época, também tinha a pessoa que era responsável para comprar a gasolina, na maioria das vezes era a mesma pessoa que estava responsável pelo dinheiro do mês, que comprava a gasolina e levava em garrafas de plástico para abastecer o motor antes de sair e economizar tempo, pois também tinha a opção de fazer o abastecimento durante o trajeto em postos de gasolina flutuante, comum em nossa região, porém, devido o tempo que iria se gastar para isso, poucas vezes isso era feito.

São muitas lembranças de fatos em relação ao nosso transporte, hoje é um pouco diferente pois fazemos um contrato mensal com o “seu Chico” que tem uma lancha coberta e o trajeto se torna mais rápido, e nossa saída do porto de Tefé em direção a comunidade da missão

acontece por voltas das 6h20 no período da cheia e um pouco mais cedo no período da seca devido a distância que tem que andar na comunidade até chegar na escola.

A foto a seguir também é emblemática, pois, me faz recordar de um fato que fez a nossa saída do porto da cidade antecipar em mais de uma hora, chegamos no porto as 4h30 da madrugada para chegar na escola as 7h da manhã.

Imagem 27: Navegando até a Terra Indígena Betel



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2012.

Durante o período que antecede as festas juninas, é comum haver ensaios dos grupos folclóricos na escola, nesta época, em 2012, a professora Mara e o professor Elzanir, que aparecem logo a frente da foto, juntamente comigo, que aparece de boné no meio deles, fomos buscar o estudante Rodrigues, estudante da escola, que aparece ao fundo dirigindo a canoa, ele não iria estudar no turno matutino, mas fazia parte da banda que foi criada para o boizinho da escola que tem o nome de Boi Mirindroso.

Para não atrapalhar os outros colegas que iriam se deslocar no horário normal, tivemos que sair em outra canoa bem mais cedo para ir até a comunidade onde morava os estudantes,

em uma terra indígena logo abaixo da comunidade da Missão, no rio Solimões, onde a correnteza é mais forte do que na margem da comunidade da Missão, que é mais lenta devido está situada na margem do lago de Tefé. Nesse mesmo período o trajeto dos professores era feito em duas canoas, então nos dividimos e fomos nós três até a comunidade de nosso estudante, indígena da etnia kambeba. Foi desgastante, mas conseguimos cumprir com nosso objetivo, fomos até a sua casa e os levamos até a escola para o ensaio.

Imagem 28: Terra Indígena Betel



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2012.

Esses outros registros definem como é a comunidade aonde fomos, a sua geográfica tem as suas características bem particulares, fica em uma área alta da região da cidade, para se chegar até ela é preciso subir uma escada de mais de 100 degraus o que faz com que a gente faça um esforço físico e guarde na lembrança o momento. Na comunidade é possível ter uma das melhores vistas das paisagens naturais de Tefé, é possível observar a grandeza do rio Solimões e as comunidades vizinhas, momentos que podemos evidenciar em nossa trajetória durante alguns períodos de atividades escolares.

Nossa pesquisa se embasa na pesquisa de Silva (2024) e possui semelhanças, mesmo sendo de lugares e regiões diferentes, isso sendo do mesmo município, o autor tece em sua obra a realidade de uma região e de uma escola ribeirinha, de forma direta coloca pontos positivos e negativos a partir de seu olhar de educador. Com base em seus estudos posso também compartilhar que não é tão simples trabalhar na educação da zona rural em uma comunidade ribeirinha no estado do Amazonas, pois, existem muitas realidades, cada comunidade possui sua identidade com pontos particulares e suas dificuldades a partir de vários fatos, que podem ser geográfico, social ou até mesmo na área da educação.

Algumas comunidades do município sofrem com a falta de professor durante o ano, e o ensino dos estudantes se tornam falho e os seus rendimentos são prejudicados pela falta do profissional, isso acontece por alguns motivos, que vai desde a interrupção das aulas no período da seca ou da cheia dos rios ou até pela não contratação de professores nos primeiros meses do ano letivo. Faço esses comentários sobre essas questões relacionadas ao ensino do município de Tefé porque essas realidades refletem no ensino dos estudantes da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, muitos desses estudantes migram para nossa escola e chegam com um nível de ensino abaixo do que se pede a série na qual ele está matriculado.

É comum em nossa escola estudantes do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, ainda precisarem ser alfabetizados, devido a realidade das escolas de onde eles estudavam em suas comunidades. Tivemos a felicidade de, através das atividades de cinema, contribuir para a alfabetização de alguns estudantes, pois, em alguns momentos era preciso ler o roteiro e mentalizar algumas falas, e para isso, um de nossos estudantes teve que aprender a ler e desenvolver sua leitura para que pudesse acompanhar nas gravações, isso aconteceu no período de uma semana, com um acompanhamento extraclasse, e vendo e observando todos os dias o progresso deste estudante. São alguns pontos que acredito que é válido ser colocado neste estudo, pois, são um dos diversos benefícios pedagógicos que foram constatados nas atividades de cinema na escola.

Dentro da minha trajetória como professor da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, estive no período de 2015 a 2017, por meio de um processo seletivo, assumi a função de gestor da escola. Nesse período fiz parte da articulação de uma atividade que foi de grande importância para toda a escola. Fizemos uma aula diferente, os estudantes não foram para a escola e os professores e demais funcionários foram fazer uma visita as casas dos estudantes. Como não existe ruas que interliga a escola até as comunidades, fomos em um barco emprestado de um pai de um professor, até as 16 comunidades onde residem os estudantes, nas imagens abaixo é possível retratar o deslocamento até as casas dos estudantes, sendo que na foto a esquerda aparecem os professores indo em um bote pequeno pois era o bote de apoio que era necessário para chegar em áreas mais difíceis de chegar o barco maior.

Imagem 29: Visita as comunidades onde residem os estudantes da escola



Fonte: acervo do pesquisador, 2015

A atividade durou o dia todo, saímos as 6h da manhã do porto de Tefé e fomos até a comunidade da Missão encontrar os professores que moram lá e saímos com destino as 16 comunidades, confesso que foi um grande desafio, devido à distância e por nunca ter feito essa atividade, mas, tivemos a oportunidade de ver a realidade e a vivência dos nossos estudantes, as suas casas, que devido a cheia do rio na época, estavam submersas, outras a água já estava chegando no assoalho (piso), realidades e desafios que os estudantes e suas famílias enfrentam devido a ação da natureza.

Foi um dia muito inspirador para todos que participaram, grande parte dos estudantes se surpreendiam ao ver a equipe da escola chegando em suas residências para visitá-los, éramos sempre muito bem acolhidos e recebidos pelas famílias, entrávamos e em todas as casas escutávamos histórias sobre as vivências dos estudantes, algumas vezes histórias de vitórias outras vezes histórias de superações ou de dificuldades, pois, grande parte dos estudantes são de famílias humildes com pouco recurso.

A próxima imagem é um registro, ainda do período que fui gestor, tive a oportunidade com o apoio dos demais professores em parceria com o posto de identificação da cidade realizar um mutirão para emissão de identidades para todos os estudantes da escola.

Imagem 30: Mutirão de identidades para os estudantes



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2017

Essa atividade me trouxe muita alegria, pois, um dos grandes problemas dos estudantes é a ausência de documentos de identificação, a grande maioria não possuía, e, isso dificultava na hora de escrevê-los em concursos e participação em editais. Foi uma atividade onde 100% dos estudantes que não tinham documento puderam obter através desse mutirão.

Tive a oportunidade de articular momentos de grande motivação para os estudantes e a escola como um todo no período em que estava articulando as atividades escolares na função de gestor, em 2017 tivemos a Feira de Ciências da escola, atividade realizada em conjunto com todos os professores da escola que organizaram de forma satisfatória o evento. Houve apresentações de todas as turmas, incluindo os primeiros anos do ensino fundamental até a 3ª série do ensino médio.

Imagem 31: Feira de Ciências



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2017.

Neste mesmo ano a nossa feira de ciência serviu de modelo para a execução da Feira de Ciências da Seduc (Secretaria de Educação do Estado do Amazonas), fizemos uma orientação para a coordenação local disponibilizando os documentos e a estrutura de nosso evento para que fosse organizada a atividade a nível cidade com as 16 escolas estaduais da cidade participando, neste evento tivemos a felicidade de conquistar o primeiro lugar em uma de nossas apresentações.

Foram algumas atividades realizadas nesse período e não poderei listar todas aqui, porém, ainda cito os jogos escolares estaduais, ocorrido em 2017, nossa escola teve a maior delegação em número de participantes, mesmo sendo da zona rural o número maior de estudantes participantes por escola foi o da nossa.

Foi toda uma logística, suspendemos as aulas e trouxemos os estudantes, que ficaram uma semana alojados nas casas dos professores e familiares, a rotina da escola se transferiu para a cidade, e em todos as refeições, transporte e nos horários dos jogos os professores estavam presentes, foi uma semana de grande interação pois foi possível conhecer e se aproximar dos estudantes, estando convivendo e compartilhando da mesma residência.

Imagem 32: Viajando e dirigindo até a comunidade da Missão



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2016.

Existem muitas questões boas e não tão boas a serem mencionadas, nem tudo é perfeito, ser professor não é tão simples e nem tão fácil, ainda existe um sistema que oprime o educador e o educando infelizmente, muita coisa anda precisa mudar, e mudar para melhor. Em minha trajetória passei um ano como presidente da Associação de pais e mestres da escola, assumi o cargo por uma votação, e a chapa que eu estava escrito obtive o maior número de votos.

Esse cargo foi apenas me passado por outro colega, não tive formação e nem orientação profissional para exercer o cargo, neste período houve uma entrega de recurso para o transporte escolar de nossa escola, e, pela primeira vez, a escola teve que abrir uma conta no banco para receber esse valor e depois repassar para a empresa responsável pelo transporte, houve algumas reuniões, sempre com a presença de pessoas da coordenação da SEDUC, que nos orientavam a assinar alguns documentos para “agilizar o pagamento”, eu, na condição de presidente assinei alguns, e, logo que o dinheiro caiu na conta fui ao banco, fiz a transferência para a empresa e guardei o comprovante de depósito e transferência, o dinheiro, como de costume, não passou pelas nossas mãos, apenas o encaminhamos.

Porém, a aproximadamente um ano atrás, recebi uma notificação do Tribunal de Contas do Estado do Amazonas, um processo movido no meu nome cobrando prestação de contas desse período, em outras palavras me cobram pelo valor debitado na conta da escola e caso eu não comprove terei que devolver esse dinheiro que é de R\$ 350,00. Logo que recebi essa notificação fui até a SEDUC mas não me deram a devida atenção, não tive assessoria jurídica, apenas verbalmente me pediram para eu ir atrás do empresário responsável pela empresa na época, um grande descaso.

Hoje respondo a esse processo, e, sendo mais exato, são dois processos, pois, o recurso foi em duas parcelas, logo, se tornou 2 processos em meu nome. Pago uma advogada, com dinheiro do meu próprio bolso, para responder por um fato que não tive nada a ver, fui induzido e infelizmente, pago por esse fato. Segundo a advogada, meu caso já está quase sendo encerrado e está a meu favor, pois consegui reunir provas que não desviei e nem trisquei no recurso que foi destinado para a minha escola, eu, espero que tudo isso acabe bem e pretendo em seguida buscar o ressarcimento de tudo que gastei.

Navegar todos os dias indo e voltando da Comunidade da Missão também tem histórias de aventuras não tão boas, cito um fato que aconteceu em 2012, quando voltávamos da escola, já ao anoitecer, pegamos no caminho um temporal muito forte, como muitos banzeiros e ventania, e, passando na frente do bairro do Abial, longe de nosso destino final, a nossa canoa naufragou, neste episódio eu estava pilotando a canoa e vinham mais dois colegas de trabalho,

por sorte, conseguimos chegar próximo da margem quando notamos que seríamos vencidos pelo banzeiro e quando a canoa afundou conseguimos chegar até a margem com nossas mochilas, uma aventura que terminou bem mas que guardo na lembrança e tenho como exemplo para sempre respeitar e observar o tempo antes de navegar.

São fatos que vejo que precisam ser contados, pois, não podemos romantizar a educação em nosso país, existe um sistema que rege a educação, toda escola possui uma estrutura e hierarquia, possuímos uma Lei de Diretrizes e Bases na educação, e, encontramos meios dinâmicos para repassar aos nossos estudantes informações e conhecimentos de qualidade. O cinema nos ajudou a dinamizar e nos aproximar deles, pois, atrair uma criança ou um jovem em uma atividade coletiva em meio ao fascinando mundo da tecnologia é algo desafiador.

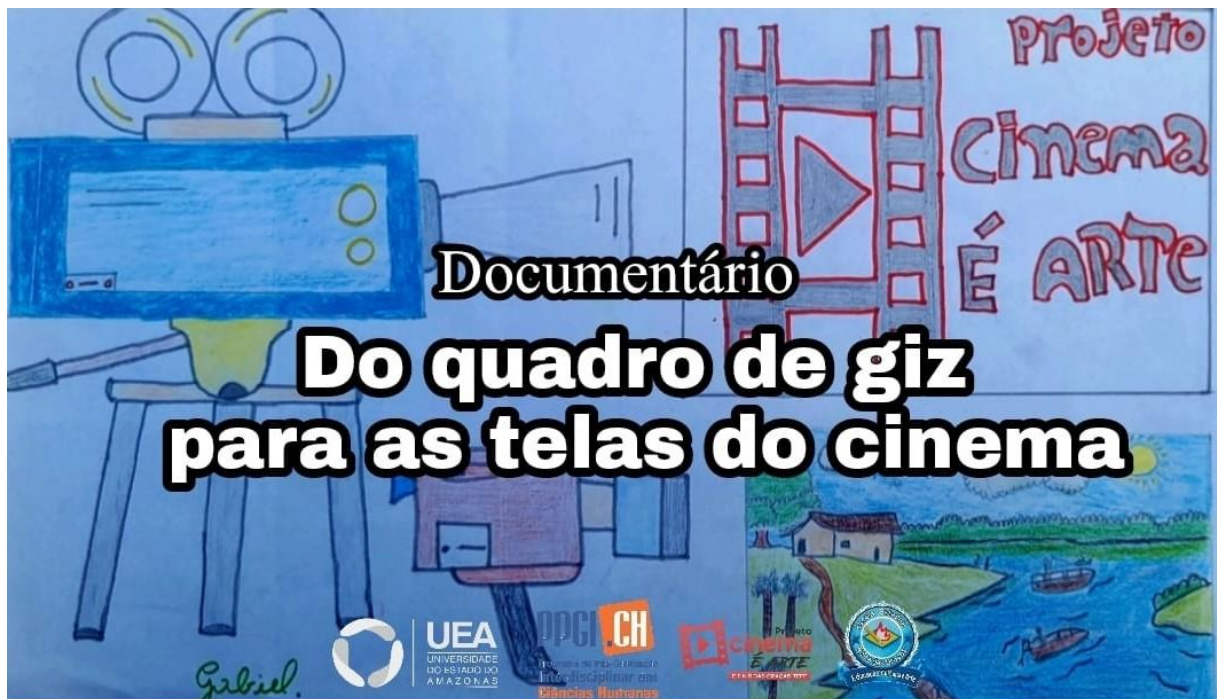
Logo na introdução desta pesquisa cito Silva (2024) e Freire (1996) como inspirações em minhas referências além é claro de todos os outros autores que cito no decorrer desta pesquisa, e, entre essas referências incluo os colaboradores que se tornam referência dentro deste trabalho, por isso as suas falas foram transcrevidas e ocupam parte de todo o texto porque nos ajudam a refletir e encontrar respostas para algumas de nossas perguntas.

Eu os cito mais uma vez pois sei e evidencio que a educação transforma e pode nos levar a lugares inimagináveis, o campo do conhecimento nos abre portas e nos faz ser capazes de contribuir com nossa sociedade de maneira igualitária e justa, tendo sempre em mente que nosso mundo, nossa sociedade nem sempre vai nos receber de braços abertos e a desigualdade ainda existe com bastante peso, levar a mensagens e ter a possibilidade de somar na aprendizagem dos estudantes, tornando-os críticos e os preparando para esse mundo desigual nos motiva a continuar exercendo essa profissão que ainda é muito desvalorizada em nosso país, nós somos professores do Brasil, não somos marionetes do sistema, a educação sempre vencerá a desinformação e o desconhecimento.

CAPÍTULO III

A COMUNIDADE DA MISSÃO NA TELA DO CINEMA POPULAR

Este capítulo possui um QR Code (código de resposta rápida) que lhe transportará a uma obra audiovisual, em formato de documentário, intitulado “Do quadro de giz para as telas do cinema”, a ser lida e interpretada através dos sons e imagens dos atores que nos inspiraram para o desenvolvimento desta pesquisa.



Assista a este documentário pelo seu smartphone ou tablet Android, abra a Câmera e aponte para o código QR abaixo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conexão com Freire (1987) chegamos até aqui tendo uma visão aberta sobre a educação de uma escola ribeirinha, olhando para práticas realizadas totalmente dinâmicas e atualizadas, mesmo tendo seus inícios no século passado. A prática do cinema não é algo novo, porém, em uma escola ribeirinha, onde o serviço de energia elétrica só chegou no ano de 2010, é tido sim como algo novo, pois, foi a partir deste momento que houve de fato a possibilidade de se aproximar das atividades de uma sociedade onde se tem um serviço que é de direito de todos como é o caso de energia elétrica.

Mas, mesmo com esse serviço, a localização da comunidade continua sendo o mesmo, logo, o seu isolamento é um fato. E, não há acesso a telefone, não existe rede disponível, mas, a internet é presente, mesmo não sendo disponível para todos devido ao alto valor. Kaplún (1998) nos mostrou que a comunicação e a educação devem estar caminhando lado a lado e são essenciais para um aprendizado democrático onde as regras são respeitadas e não ultrapassam o respeito mútuo.

Krenak (2020) nos ajudou a compreender e perceber que no ambiente escolar onde pesquisamos existem uma cultura que protege o meio ambiente e a prática do bem viver existe, cercada de ilusões criadas pelos estudantes para a realização de suas obras, e, tem como base a proteção ao meio ambiente, pois, é dele que eles retiram seus alimentos e se locomovem até a escola. Um grande conjunto que envolve cultura e educação, onde crianças e jovens mostram para a sociedade onde estão inseridos que o respeito e a educação podem ajudar a transformar o mundo e que é possível utilizar-se de suas inspirações a benefício de um mundo melhor.

Houve uma viagem, que não foi percebida pelos estudantes, mas, a tecnologia avançou, os objetos que auxiliam na escola também, o giz cedeu lugar para o pincel e o quadro se transformou na tela de cinema onde os pensamentos e os sonhos dos educandos tomaram formas, cores, sons e movimentos. Obras foram criadas em um ambiente escolar, a interdisciplinaridade foi exercitada e contemplada por um coletivo de estudantes e professores que viram como resultado a aceitação da escola pela prática do cinema.

No decorrer da pesquisa, criamos o coletivo Ajuri Cultural, que é formado por mim e mais 2 colegas da minha turma de mestrado, esse grupo foi responsável por várias criações artísticas científicas, com produções audiovisuais como clipes musicais, filmes e documentários, produções literárias com 9 livros publicados disponíveis para venda no site da Amazon, e 2 músicas que retratam a região amazônica de forma poética disponível nas plataformas de música. Algo que

despertou nossa veia artística e científica, ocasionada pela oportunidade que o programa nos dar, de criar de forma livre englobando várias vertentes de nossa cultura.

Vejo que houve conquistas, me reportando aos resultados, pois, o cinema na escola pode ser dito, como base em nossa pesquisa, uma ferramenta pedagógica, e, os estudantes e professores notaram e afirmaram as mudanças ocorridas, mudanças positivas em que houve um impacto social e científico em toda a comunidade escolar. Nossas análises provaram até então que é importante dinamizar dentro das ações pedagógicas no ambiente escolar, e, que em uma comunidade ribeirinha, onde a comunicação ainda é remota, é possível praticar uma educação de qualidade com um ensino inovador atraente para os estudantes que recebem e levam informações para dentro das aulas juntamente com os professores.

Durante o período do mestrado, tive a honra e oportunidade, em parceria com colegas do curso Arthur Figueira e Márcio Augusto criarmos o “Coletivo Ajuri Cultural” onde destaco alguns eventos organizados como a “Mesa Redonda Encontro das Águas” em 2023 onde reunimos artistas locais para partilharem suas experiências e projeções quanto ao meio cultural, em 2024 realizamos a gravação do primeiro documentário do cantor “Netinho Solimões” ícone da música popular amazonense, produzimos também o documentário do I Festival Cultural de Tefé o FECULT, ocorrido em 1989, e temos publicados livros independentes, algumas transcrições destes materiais audiovisuais desenvolvidos, e outros de escritos de nosso coletivo. O Ajuri Cultural se propõe a unir a comunidade artística de modo geral em prol do diálogo “Arte e Ciência”, para o sucesso desse projeto o apoio direto da Direção do CEST-UEA e Subcoordenação do PPGICH-UEA, na pessoa do Professor Doutor Yomarley Lopes Holanda enquanto artista e pesquisador. Em nossa trajetória tivemos como parceiros e colaboradores o Cantor Netinho Solimões e sua filha também musicista Maria Victória, o videomaker Anderson Tuchaua, a cantora Ana Morales, o produtor Hediego Silva, o Cantor José Antônio, entre outros parceiros configurando um verdadeiro coletivo científico-cultural.

Concluimos esta pesquisa tendo por base a grande contribuição de nossos colaboradores, um estudo com análises e observações de um coletivo incluindo crianças jovens e adultos, entre educandos e educadores, que produzem arte e ciência dentro do ambiente escolar, mostram para o mundo que a arte está inclusa na ciência e na pesquisa. E, é possível fazer cultura e arte dentro da escola, aprendendo e ensinando. Onde o professor ensina e aprende com os estudantes, uma grande troca de experiências que existe em uma escola ribeirinha no coração da selva amazônica.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Da atuação à formação de professores**. TV e Informática na Educação. Salto para o Futuro. MEC, Brasília, p. 65-72, 1998.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BARBOSA, Ana Mae. **História da Arte-educação**. I Simpósio Internacional de História da arte-educação – ECA-USP. 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BONETTI, Marcelo de Carvalho. **A linguagem de vídeos e a natureza da aprendizagem** – Universidade de São Paulo. Instituto de Física – Depto. De Física Experimental. São Paulo, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas, poderes oblíquos**. In: Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. 7 reimp. São Paulo: Ed. USP, 2015.

CERDEIRA, Wesley Dias, TORRES, Iraldes Caldas. **IMAGINÁRIO AMBIENTAL AMAZÔNICO: A FLORESTA AMAZÔNICA COMO INSPIRAÇÃO POÉTICA**. In : TORRES, Iraldes Caldas. **Poéticas Amazônicas: gênero, religiosidade e sonoridades cartográficas**. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2021.

FIGUEIRA, Arthur. INHUMA, George. **Cinema Popular Amazônico**. Tefê AM: Coletivo Ajuri Cultural, 2024. ISBN 978-65-01-14838-0

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa: Por uma teoria interpretativa da cultura**. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Ediciones de La Torre. Madrid, 1998.

KAPLÚN, Mario. **El comunicador popular**. Colección Intiyan. Quito-Ecuador, 1985.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**. Organização Bruno Maia. Rio de Janeiro, 2020. THOMPSON, Paul, 1935 – A voz do passado: história oral; tradução Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 1ª ed. – Abril S. A. Cultural e Industrial – São Paulo, 1976.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Editora Vozes. RJ. 187p. 1977.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAYAD, Alexandre Le Voci. **Idade Mídia : a comunicação reinventada na escola** – São Paulo: Aleph, 2011.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. 1. Ed., 1ª reimpressão, - São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Eliane Góis da. **A tela encantada: filmes de visagens e a reinvenção das narrativas orais no cinema popular de Tefé**. 2019. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas – Universidade do Estado do Amazonas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - Tefé: CEST/UEA, 2019.

SILVA, Joel Matias da. **UMA COMUNICAÇÃO A PARTIR DOS ROÇADOS – Projeto REC**. Dissertação de Pós-Graduação Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade do Estado do Amazonas- UEA, Escola Superior de Artes e Turismo – ESAT, Centro de Estudo Superior de Tefé - CEST. Tefé-AM,2024, p.110.